CADERNOS · HUMANIDADES / FILOSOFIA

Sofista

Ou Sobre o ser

Platão

Tradução portuguesa a partir do inglês de
Harold North Fowler (1921)

Diálogo completo · 36 notas · 100 questões

Edição beta por IA (Codex) · 23 de outubro de 2026

Sobre esta edição

Tradução portuguesa por IA (Codex), feita a partir do inglês de Harold North Fowler (1921), sem revisão humana integral e sem tradução direta do grego.

O Sofista é um diálogo contínuo. Os dez capítulos, seus títulos e os questionários são uma organização didática desta edição, não divisões originais de Platão. As referências 216a–268d seguem a numeração de Stephanus, não as páginas deste arquivo.

Plato. Theaetetus; Sophist. English translation by Harold North Fowler. Loeb Classical Library 123. London: William Heinemann; New York: G. P. Putnam's Sons, 1921.

Fonte digital: Perseus Digital Library, Tufts University, e o repositório PerseusDL/canonical-greekLit. Transcrição sob CC BY-SA 4.0.

`https://beta.perseus.tufts.edu/urn:cts:greekLit:tlg0059.tlg007.perseus-eng2:216/`

Diálogo completo, 216a–268d, incluindo 36 notas da transcrição; não inclui a introdução e os índices do volume impresso.

Platão e a tradução histórica de Fowler estão em domínio público no Brasil. A tradução portuguesa, as questões e a organização desta edição são disponibilizadas sob CC BY-SA 4.0. Essa licença não restringe o domínio público das fontes.

`https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt-br`

As notas de Fowler estão separadas das falas de Platão. As intervenções editoriais portuguesas aparecem identificadas entre colchetes. Algumas remissões problemáticas da transcrição foram preservadas e sinalizadas nas notas.

Vocabulário de leitura

ser. Pode indicar existência ou entrar em uma predicação; acompanhe a relação discutida em cada passagem.

não ser. Na solução do diálogo, diferença em relação ao ser, sem confusão com o nada absoluto.

mesmo e outro. Identidade e diferença: gêneros distintos entre si e do ser.

forma e gênero. Vocabulário classificatório da tradução; as relações entre as formas são discutidas pela dialética.

potência. Capacidade de agir ou sofrer ação, proposta como definição provisória do ser em 247d–e.

aparência. Traduz o vocabulário do parecer e, em 260e–264b, a phantasia comentada por Fowler. Não significa que toda percepção seja falsa.

Sumário

1 Encontro e método de divisão **1**

Questões do capítulo 1 6

2 As primeiras definições do sofista **8**

Questões do capítulo 2 13

3 Purificação e educação **16**

Questões do capítulo 3 20

4 Saber aparente e imagens **23**

Questões do capítulo 4 27

5 O problema do não ser **30**

Questões do capítulo 5 35

6 Doutrinas do ser e potência **38**

Questões do capítulo 6 44

7 Movimento, repouso e dialética **47**

Questões do capítulo 7 53

8 Os cinco gêneros e a diferença **56**

Questões do capítulo 8 63

9 Discurso, pensamento e falsidade **65**

Questões do capítulo 9 70

10 A definição final do sofista **73**

Questões do capítulo 10 77

Capítulo 1

Encontro e método de divisão

Divisão editorial · 216a–221e

Teodoro 216a · §1 Conforme combinamos ontem, Sócrates, viemos, como era nosso dever, e trazemos também este homem: um estrangeiro de Eleia, seguidor de Parmênides e Zenão e verdadeiro filósofo.

Sócrates 216a · §2 Não estarás trazendo, sem perceber, como diz Homero, um deus, e não um simples estrangeiro, Teodoro? Ele diz 216b que os deuses, especialmente o deus dos estrangeiros, acompanham os homens que possuem a devida reverência [1] e observam seus atos violentos e justos. [2] Talvez teu companheiro seja alguma potência superior que vem observar-nos e refutar-nos por nossa deficiência nos argumentos: uma espécie de deus da refutação.

Teodoro 216b · §3 Não é esse o caráter do estrangeiro, Sócrates; ele é mais moderado que os que se entregam às disputas. Não o considero propriamente um deus, 216c mas certamente divino, pois dou esse nome a todos os filósofos.

Sócrates 216c · §4 E com razão, meu amigo. Entretanto, creio que reconhecer essa espécie não é muito mais fácil, por assim dizer, que reconhecer a dos deuses. Esses homens, os que são filósofos de verdade e não por fingimento, apresentam-se sob todas as formas, [3] por causa da ignorância dos demais; e «percorrem as cidades» (Homero, Odisseia 17.485-7), observando do alto a vida dos que estão abaixo. Para uns parecem não valer nada; para outros, valer tudo. Às vezes aparecem como políticos, 216d às vezes como sofistas; e há quem os julgue inteiramente loucos. Mas eu gostaria de perguntar a nosso estrangeiro, se ele consentir, o que pensam dessas coisas em sua terra 217a e que nomes lhes dão.

Teodoro 217a · §5 De que coisas falas?

Sócrates 217a · §6 Do sofista, do político e do filósofo.

Teodoro 217a · §7 Qual é, precisamente, a dificuldade que tens em mente a respeito deles?

Sócrates 217a · §8 Esta: consideram-nos uma só coisa, duas, ou, havendo três nomes, distinguem três espécies e atribuem a cada nome uma espécie própria?

Teodoro 217a · §9 Creio que ele não se opõe a falar disso. Que dizes, estrangeiro?

Estrangeiro 217b · §10 O mesmo que tu, Teodoro: não me oponho, e é fácil dizer que os consid-

[1] Citação modificada de Homero, Odisseia 9.271 e 17.485–7.
[2] Compare-se Odisseia 17.485–7.
[3] Compare-se Homero, Odisseia 17.485–7.

eram três. Mas definir claramente a natureza de cada um não é tarefa pequena nem fácil.

Teodoro 217b · §11 Por acaso, Sócrates, levantaste uma questão muito semelhante à que lhe fazíamos antes de vir. Ele se desculpava conosco como agora contigo, embora admita ter ouvido o assunto discutido em profundidade e se lembrar do que ouviu.

Sócrates 217c · §12 Nesse caso, estrangeiro, não nos negues o primeiro favor que pedimos. Dizenos apenas: preferes expor o que desejas explicar em um longo discurso ininterrupto ou por perguntas? Certa vez estive presente quando Parmênides empregou esse último método e desenvolveu uma discussão magnífica. Eu era jovem, e ele, muito idoso.

Estrangeiro 217c · §13 O diálogo, Sócrates, é mais fácil 217d quando o interlocutor é dócil e não cria dificuldades; caso contrário, prefiro que uma pessoa fale continuamente.

Sócrates 217d · §14 Podes escolher quem quiseres entre os presentes: todos responderão de bom grado. Mas, se aceitas meu conselho, escolhe um dos jovens: Teeteto, aqui, ou outro que te agrade.

Estrangeiro 217d · §15 Sócrates, é a primeira vez que venho ao vosso encontro, e sinto certo constrangimento em fazer, em lugar de breves respostas às perguntas, um discurso extenso e demorado, seja por minha iniciativa 217e ou respondendo a outro, como se estivesse dando uma exibição. Contudo, preciso fazê-lo: o assunto não é o que se imaginaria pela forma da pergunta; exige um discurso muito longo. Por outro lado, seria pouco amistoso e descortês recusar um favor a ti e a estes senhores, especialmente depois do que disseste. Quanto a 218a Teeteto, aceito-o com muito prazer como interlocutor, tanto pela conversa anterior que tive com ele quanto por tua recomendação.

Teeteto 218a · §16 Mas, estrangeiro, seguindo esse caminho e a sugestão de Sócrates, agradarás também aos outros?

Estrangeiro 218a · §17 Creio que nada mais há a dizer sobre isso, Teeteto. Daqui em diante, parece-me, dirigirei a ti minhas palavras. Se te cansares e a extensão da conversa te aborrecer, não culpes a mim, mas a estes teus amigos.

Teeteto 218b · §18 Não creio que me canse tão facilmente; mas, se isso acontecer, chamaremos este Sócrates, homônimo do outro: é da minha idade, meu companheiro no ginásio e costuma trabalhar comigo em quase tudo.

Estrangeiro 218b · §19 Muito bem; decidirás isso à medida que a discussão avançar. Agora, porém, investiguemos juntos, começando, parece-me, pelo sofista: procuremos esclarecer 218c por um argumento o que ele é. Por enquanto, temos em comum apenas o nome; quanto à coisa assim chamada, talvez cada um tenha na mente uma concepção diferente. Em todos os casos, devemos concordar sobre a própria coisa por meio do argumento, e não apenas sobre o nome sem argumento. Mas a espécie que pretendemos procurar, a do sofista, não é nada fácil de capturar e definir. Há muito todos concordam que, para investigar bem assuntos importantes, devemos exercitar-nos em questões pequenas 218d e fáceis antes de enfrentar as maiores. Por isso, Teeteto, já que consideramos a família dos sofistas difícil de apanhar, aconselho que primeiro pratiquemos a caça em algo mais fácil, a menos que tenhas um caminho mais simples a sugerir.

Teeteto 218d · §20 Não tenho.

Estrangeiro 218d · §21 Tomaremos então algo menor para usá-lo como modelo do maior?

Teeteto 218e · §22 Sim.

Estrangeiro 218e · §23 Que exemplo conhecido e pequeno podemos propor, mas tão capaz de

definição quanto os maiores? Um pescador de anzol, por exemplo: não é conhecido de todos e pouco merecedor de grande interesse?

Teeteto 218e · §24 Sim. 219a

Estrangeiro 219a · §25 Espero, contudo, que nos ofereça um método e admita uma definição adequada a nosso propósito.

Teeteto 219a · §26 Seria bom.

Estrangeiro 219a · §27 Comecemos assim: diremos que ele possui uma arte, ou que não possui arte, mas alguma outra capacidade?

Teeteto 219a · §28 Certamente não diremos que não possui arte.

Estrangeiro 219a · §29 De modo geral, todas as artes se dividem em duas espécies?

Teeteto 219a · §30 Como assim?

Estrangeiro 219a · §31 A agricultura, todo cuidado dos seres vivos, o trabalho com coisas compostas ou moldadas 219b que chamamos utensílios e a imitação: tudo isso poderia receber um só nome.

Teeteto 219b · §32 Como, e qual nome?

Estrangeiro 219b · §33 Quando alguém faz existir o que antes não existia, dizemos que quem o faz produz, e que aquilo que passa a existir é produzido.

Teeteto 219b · §34 Certamente.

Estrangeiro 219b · §35 Todas as artes que mencionamos dirigem sua atividade à produção.

Teeteto 219b · §36 Sim.

Estrangeiro 219b · §37 Chamemo-las, em conjunto, arte produtiva.

Teeteto 219c · §38 De acordo.

Estrangeiro 219c · §39 Depois vem toda a aprendizagem e aquisição de conhecimento, o ganho de dinheiro, a luta e a caça. Nenhuma dessas atividades produz; todas se ocupam de conquistar, por atos ou palavras, coisas que já existem e foram produzidas, ou de impedir que outros as conquistem. Por isso, poderíamos chamar todas essas divisões, em conjunto, arte aquisitiva.

Teeteto 219c · §40 Seria adequado.

Estrangeiro 219c · §41 Se as artes aquisitiva e produtiva abrangem 219d todas as artes, em qual delas colocaremos a pesca de anzol, Teeteto?

Teeteto 219d · §42 Na aquisitiva, evidentemente.

Estrangeiro 219d · §43 E não há duas espécies de arte aquisitiva? Uma é a troca voluntária por presentes, salários e compras; a outra abrange o restante e, por empregar coerção em palavras ou atos, poderia chamar-se coercitiva.

Teeteto 219d · §44 Assim parece, pelo que disseste.

Estrangeiro 219d · §45 Dividiremos também a arte coercitiva em duas partes?

Teeteto 219d · §46 De que modo?

Estrangeiro 219d · §47 Chamando luta à sua parte manifesta 219e e caça à parte oculta.

Teeteto 219e · §48 Sim.

Estrangeiro 219e · §49 Seria, porém, pouco razoável não dividir também a caça em duas partes.

Teeteto 219e · §50 Dize como.

Estrangeiro 219e · §51 Em caça de coisas inanimadas e caça de seres vivos.

Teeteto 219e · §52 Certamente, se ambas existem.

Estrangeiro 220a · §53 Claro que existem. Deixemos de lado a caça de coisas inanimadas, que não tem nome, exceto certas modalidades de mergulho e atividades semelhantes, de pouca importância. A caça dos vivos será chamada caça de animais.

Teeteto 220a · §54 Muito bem.

Estrangeiro 220a · §55 Poderíamos dividi-la em duas espécies: a dos seres que andam sobre pés, a caça de animais terrestres, que tem muitas subdivisões e nomes; e a dos seres que nadam, chamada em conjunto caça de animais nadadores?

Teeteto 220a · §56 Certamente.

Estrangeiro 220b · §57 Entre os nadadores, vemos uma espécie alada e outra que vive na água?

Teeteto 220b · §58 É claro.

Estrangeiro 220b · §59 A caça dos alados chama-se, em conjunto, caça de aves.

Teeteto 220b · §60 Sim.

Estrangeiro 220b · §61 E a caça dos animais aquáticos recebe o nome geral de pesca.

Teeteto 220b · §62 Sim.

Estrangeiro 220b · §63 Não poderia eu dividir essa caça em duas partes principais?

Teeteto 220b · §64 Quais?

Estrangeiro 220b · §65 Uma caça apenas por cercamento; a outra, por um golpe.

Teeteto 220b · §66 Que queres dizer, e como distingues as duas?

Estrangeiro 220b · §67 Quanto à primeira, tudo o que rodeia e encerra uma coisa 220c para retê-la pode propriamente chamar-se cerco.

Teeteto 220c · §68 Certamente.

Estrangeiro 220c · §69 Assim, cestos de vime, redes de arrasto, laços, redes e coisas semelhantes podem chamar-se cercos?

Teeteto 220c · §70 Sem dúvida.

Estrangeiro 220c · §71 Chamaremos essa divisão caça por cercamento, ou algo parecido.

Teeteto 220c · §72 Sim.

Estrangeiro 220c · §73 A outra se faz por um golpe, com anzóis e tridentes; para lhe dar um só nome, 220d chamemo-la caça por golpe. Ou encontrarias nome melhor, Teeteto?

Teeteto 220d · §74 Não nos preocupemos com o nome: esse basta.

Estrangeiro 220d · §75 A modalidade que ocorre de noite, à luz do fogo, é chamada pelos próprios caçadores, suponho, pesca com fogo.

Teeteto 220d · §76 Certamente.

Estrangeiro 220d · §77 A diurna, em conjunto, é caça com farpas, pois tanto as lanças quanto os anzóis têm pontas farpadas.

Teeteto 220e · §78 É assim que se chama.

Estrangeiro 220e · §79 Da caça por golpe com farpas, a parte em que o golpe desce de cima para baixo se chama, suponho, pesca com tridente, pelo instrumento principalmente usado.

Teeteto 220e · §80 Pelo menos alguns a chamam assim.

Estrangeiro 220e · §81 Resta-nos, por assim dizer, apenas mais uma modalidade.

Teeteto 220e · §82 Qual?

Estrangeiro 220e · §83 A que emprega o golpe contrário: usa um anzol e atinge, não uma parte qualquer do peixe, 221a como os tridentes, mas apenas a cabeça e a boca do que é capturado; vai de baixo para cima, puxada por varas e caniços. Que nome lhe daremos, Teeteto?

Teeteto 221a · §84 Creio que nossa busca terminou: encontramos precisamente o que há pouco estabelecemos ser necessário encontrar.

Estrangeiro 221a · §85 Agora concordamos 221b não só sobre o nome da pesca de anzol, mas adquirimos também uma definição satisfatória da própria coisa. Da arte inteira, uma metade era aquisitiva; desta, uma metade era coercitiva; da coercitiva, uma metade era caça; da caça, uma metade era caça de animais; desta, uma metade era caça de nadadores; da caça de nadadores, tomada em conjunto, a parte inferior era pesca; da pesca, uma metade era por golpe; desta, uma metade era com farpas; e dessa última, a parte em que o golpe é puxado obliquamente de baixo para cima [4] 221c recebeu um nome semelhante ao próprio ato: pesca de anzol, que era o objeto de nossa investigação.

Teeteto 221c · §86 Isso, pelo menos, ficou perfeitamente claro.

Estrangeiro 221c · §87 Usemos então esse modelo para tentar descobrir o que é um sofista.

Teeteto 221c · §88 Certamente.

Estrangeiro 221c · §89 A primeira pergunta foi se devíamos considerar o pescador apenas um homem ou um homem dotado de uma arte.

Teeteto 221c · §90 Sim.

Estrangeiro 221c · §91 Agora consideremos nosso homem, Teeteto. 221d Diremos que é apenas um homem, ou, sem dúvida, um homem verdadeiramente sábio?

Teeteto 221d · §92 Certamente não apenas um homem; entendo tua intenção: ele está muito longe de ser sábio, embora seu nome sugira sabedoria.

Estrangeiro 221d · §93 Mas parece necessário admitir que possui alguma arte.

Teeteto 221d · §94 Que arte será essa, afinal?

Estrangeiro 221d · §95 Por Zeus! Não percebemos que esse homem é parente do outro?

Teeteto 221d · §96 Quem é parente de quem?

Estrangeiro 221d · §97 O pescador de anzol, do sofista.

Teeteto 221d · §98 Como assim?

Estrangeiro 221d · §99 Ambos me parecem claramente uma espécie de caçadores.

[4] A etimologia proposta por Platão, que aproxima aspalieutikē de anaspasthai, é pouco menos absurda que a sugerida na tradução. As palavras inglesas «at an angle» foram acrescentadas apenas para justificar, em inglês, as palavras seguintes. [Nota desta edição portuguesa: a expressão foi conservada como «obliquamente»; o jogo etimológico não se reproduz em português.]

Teeteto 221e · §100 Qual é a caça do segundo? Já falamos da do primeiro.

Estrangeiro 221e · §101 Há pouco dividimos a caça inteira em duas espécies: a dos nadadores e a dos animais terrestres.

Teeteto 221e · §102 Sim.

Estrangeiro 221e · §103 Examinamos a primeira quanto aos nadadores que vivem na água; deixamos a caça terrestre sem divisão, observando apenas que tem muitas formas.

Questões do capítulo 1

1. Quem conduz a investigação principal com Teeteto?
   a) O Estrangeiro de Eleia.
   b) Teodoro, em um discurso judicial.
   c) Protágoras, em uma aula.
   d) Sócrates, em um monólogo.

2. Qual problema inicial Sócrates apresenta?
   a) Se sofista, político e filósofo constituem espécies distintas.
   b) Se a poesia é superior à geometria.
   c) Se Eleia é mais antiga que Atenas.
   d) Se toda pesca deve ser proibida.

3. Por que não basta concordar sobre a palavra «sofista»?
   a) Todo nome tem um sentido secreto.
   b) É preciso concordar também sobre a coisa designada, por argumento.
   c) Um nome só pode designar objetos visíveis.
   d) A etimologia dispensa a definição.

4. Por que começar pelo pescador de anzol?
   a) Para mostrar que a pesca é a maior ciência.
   b) Para substituir a filosofia por trabalho manual.
   c) Para provar que o sofista pesca literalmente.
   d) Para exercitar um método em um objeto mais simples.

5. O que caracteriza a arte produtiva?
   a) Apenas transferir a propriedade de algo existente.
   b) Fazer existir algo que antes não existia.
   c) Conservar exclusivamente os objetos naturais.
   d) Receber pagamento em toda atividade.

6. Onde se situa inicialmente a pesca de anzol?
   a) Na arte de produzir imagens.
   b) Na arte médica.
   c) Na arte aquisitiva.
   d) Na arte legislativa.

7. Como se distinguem luta e caça nessa divisão?

a) A luta é a coerção manifesta; a caça é a oculta.
b) A luta é divina; a caça é humana.
c) A luta produz animais; a caça produz ferramentas.
d) A luta é sempre verbal; a caça é sempre escrita.

8. Que papel tem a sequência de divisões na definição do pescador?

a) Mostra que todas as caças são idênticas.
b) Localiza a atividade por diferenças sucessivas.
c) Substitui a coisa pelo prestígio de seu nome.
d) Apenas enumera instrumentos sem relação.

9. O que distingue a pesca de anzol da pesca com tridente na passagem?

a) A pesca de anzol dispensa instrumentos.
b) O anzol só é usado em rios secos.
c) O anzol puxa de baixo para cima, atingindo a boca ou a cabeça.
d) O tridente não causa qualquer golpe.

10. Que parentesco inicia a passagem do pescador ao sofista?

a) Ambos conhecem necessariamente todas as artes.
b) Ambos são tratados como caçadores.
c) Ambos se dedicam à produção divina.
d) Ambos recusam qualquer aquisição.

Respostas comentadas

1. A. Sócrates propõe a questão, mas o Estrangeiro aceita Teeteto como interlocutor. Referência: 217c–218a.

2. A. A pergunta distingue três nomes da possível divisão das coisas em três espécies. Referência: 217a–b.

3. B. Ter um nome em comum não garante que os interlocutores tenham a mesma concepção. Referência: 218b–c.

4. D. A investigação do pequeno serve de modelo para a do mais difícil. Referência: 218c–e.

5. B. A distinção é entre produzir e adquirir, não entre trabalho pago e gratuito. Referência: 219a–c.

6. C. O pescador adquire seres já existentes, em vez de produzi-los. Referência: 219c–d.

7. A. Essa distinção subdivide a modalidade coercitiva da aquisição. Referência: 219d–e.

8. B. A definição reúne o caminho classificatório até a modalidade específica buscada. Referência: 221a–c.

9. C. A direção do golpe e a parte atingida completam a distinção. Referência: 220e–221a.

10. B. O modelo da caça é reaproveitado para iniciar a busca do sofista. Referência: 221c–e.

Capítulo 2

As primeiras definições do sofista

Divisão editorial · 222a–227a

Teeteto 222a · §104 Certamente.

Estrangeiro 222a · §105 Até esse ponto, portanto, o sofista e o pescador seguem juntos, desde o ponto de partida na arte aquisitiva.

Teeteto 222a · §106 Assim me parece.

Estrangeiro 222a · §107 Separam-se na caça de animais: um se volta ao mar, aos rios e aos lagos para caçar os animais que neles vivem.

Teeteto 222a · §108 Certamente.

Estrangeiro 222a · §109 O outro se volta à terra e a rios de outra espécie: rios de riqueza e juventude, como prados abundantes; pretende apoderar-se dos seres que neles se encontram.

Teeteto 222b · §110 Que queres dizer?

Estrangeiro 222b · §111 Há duas divisões principais da caça terrestre.

Teeteto 222b · §112 Quais?

Estrangeiro 222b · §113 Uma caça os animais domesticados; a outra, os selvagens.

Teeteto 222b · §114 Há então caça de animais domesticados?

Estrangeiro 222b · §115 Sim, se o homem é um animal domesticado. Mas admite o que quiseres: que não existe animal domesticado; que existe outro, mas o homem é selvagem; ou que o homem é domesticado, mas não há caça de homens. Para nossa definição, escolhe a afirmação que te satisfaça.

Teeteto 222c · §116 Eu considero, estrangeiro, que somos um animal domesticado, e concordo que há caça de homens.

Estrangeiro 222c · §117 Digamos então que a caça dos animais domesticados também tem duas espécies.

Teeteto 222c · §118 Como justificamos essa afirmação?

Estrangeiro 222c · §119 Definindo a pirataria, o rapto de pessoas, a tirania e toda a arte da guerra, em conjunto, como caça pela força.

Teeteto 222c · §120 Excelente.

Estrangeiro 222c · §121 E dando um só nome à arte dos tribunais, da tribuna pública e da conversação: 222d chamaremos todas, em conjunto, arte da persuasão.

Teeteto 222d · §122 Correto.

Estrangeiro 222d · §123 Digamos agora que a persuasão tem duas espécies.

Teeteto 222d · §124 Quais?

Estrangeiro 222d · §125 Uma se dirige aos particulares; a outra, à comunidade.

Teeteto 222d · §126 Concedido: cada uma constitui uma espécie.

Estrangeiro 222d · §127 E da caça aos particulares, uma espécie recebe pagamento e outra oferece presentes, não é?

Teeteto 222d · §128 Não compreendo.

Estrangeiro 222d · §129 Parece que ainda não prestaste atenção ao modo de caçar dos amantes.

Teeteto 222d · §130 Em que sentido?

Estrangeiro 222e · §131 Além dos outros esforços, dão presentes àqueles que caçam.

Teeteto 222e · §132 Tens toda a razão.

Estrangeiro 222e · §133 Chamemos essa espécie arte amorosa.

Teeteto 222e · §134 De acordo.

Estrangeiro 222e · §135 Quanto à modalidade remunerada que conversa para agradar, usa exclusivamente o prazer como isca e exige como pagamento apenas o sustento, poderíamos todos concordar, creio, 223a em chamá-la arte da adulação ou de tornar as coisas agradáveis.

Teeteto 223a · §136 Certamente.

Estrangeiro 223a · §137 Mas a espécie que se propõe conversar em benefício da virtude e exige pagamento em dinheiro não merece outro nome?

Teeteto 223a · §138 É claro.

Estrangeiro 223a · §139 Que nome? Tenta dizê-lo.

Teeteto 223a · §140 É evidente: creio que descobrimos o sofista. Pronunciando essa palavra, penso dar-lhe o nome certo.

Estrangeiro 223b · §141 Assim, Teeteto, segundo nosso argumento atual, a parte da arte aquisitiva, coercitiva e caçadora que caça animais terrestres domesticados, isto é, homens, em particular e por remuneração; que recebe dinheiro, alega oferecer educação e caça jovens ricos e promissores, deve chamar-se sofística: é a conclusão a que chegamos.

Teeteto 223b · §142 Sem dúvida alguma.

Estrangeiro 223b · §143 Mas examinemo-la ainda de outro modo: a espécie que investigamos 223c participa de uma arte nada simples, e sim de muitas faces. Precisamos fazê-lo porque, em nossa conversa anterior, ela apareceu como pertencente a uma espécie diferente daquela que agora lhe atribuímos.

Teeteto 223c · §144 Como assim?

Estrangeiro 223c · §145 A arte aquisitiva tinha duas espécies: a caça e a troca.

Teeteto 223c · §146 Sim.

Estrangeiro 223c · §147 Diremos que há duas espécies de troca, uma por doação, outra por venda?

Teeteto 223c · §148 Assim seja.

Estrangeiro 223c · §149 Diremos ainda que a troca por venda se divide em duas partes.

Teeteto 223d · §150 Como?

Estrangeiro 223d · §151 Distinguiremos a venda das próprias produções, chamando-a venda do que é próprio, e a troca de obras alheias, chamando-a comércio.

Teeteto 223d · §152 Certamente.

Estrangeiro 223d · §153 A parte do comércio realizada dentro da cidade, aproximadamente sua metade, chama-se comércio varejista, não é?

Teeteto 223d · §154 Sim.

Estrangeiro 223d · §155 E aquela que compra e vende mercadorias entre cidades chama-se comércio de importação e exportação?

Teeteto 223d · §156 Certamente.

Estrangeiro 223d · §157 Não observamos que uma parte 223e desse comércio vende e troca por dinheiro o que sustenta o corpo e atende às suas necessidades, e outra, o que atende à alma?

Teeteto 223e · §158 Que queres dizer?

Estrangeiro 223e · §159 Talvez não conheçamos a parte relativa à alma, embora, creio, compreendamos a outra divisão.

Teeteto 223e · §160 Sim.

Estrangeiro 224a · §161 Considera, pois, as artes liberais [1] em geral, que circulam continuamente entre cidades: compradas num lugar, transportadas e vendidas em outro. A pintura, a prestidigitação e tantas outras coisas que afetam a alma são importadas e vendidas, algumas para seu divertimento, outras para suas necessidades sérias. Não podemos negar que quem as transporta e vende é propriamente um comerciante, tanto quanto o vendedor de alimentos e bebidas.

Teeteto 224a · §162 É bem verdade.

Estrangeiro 224b · §163 Darás então o mesmo nome a quem compra conhecimentos e viaja de cidade em cidade trocando sua mercadoria por dinheiro?

Teeteto 224b · §164 Certamente.

Estrangeiro 224b · §165 Uma parte desse comércio da alma poderia, com razão, chamar-se arte de exibição. A outra, embora não menos ridícula, é comércio de conhecimentos: não devemos dar-lhe um nome relacionado ao que faz?

Teeteto 224b · §166 Certamente.

Estrangeiro 224b · §167 Desse comércio de conhecimentos, 224c a parte relativa ao conhecimento das demais artes deve receber um nome, e a relativa à virtude, outro.

Teeteto 224c · §168 É claro.

[1] A palavra mousikē, aqui traduzida por «artes liberais», é muito mais abrangente que a palavra inglesa «music»: designa quase toda a educação e cultura, exceto a puramente física. Na Atenas de Sócrates, muitos, possivelmente a maioria, dos mestres de música nesse sentido amplo eram estrangeiros: gregos, naturalmente, mas não atenienses.

Estrangeiro 224c · §169 Comerciante de artes seria um nome adequado para quem negocia as outras artes. Agora, faze o favor de dizer o nome de quem negocia a virtude.

Teeteto 224c · §170 Que outro nome poderíamos dar, sem errar, senão aquele que buscamos: sofista?

Estrangeiro 224c · §171 Nenhum outro. Resumamos: a sofística apareceu pela segunda vez como aquela parte da arte aquisitiva, da troca, 224d do comércio, do comércio entre cidades e do comércio da alma que se ocupa de discursos e conhecimentos e negocia a virtude.

Teeteto 224d · §172 Muito bem.

Estrangeiro 224d · §173 Mas há um terceiro caso: se um homem se estabelecesse aqui na cidade e se propusesse viver da venda dessas mesmas mercadorias do conhecimento, comprando algumas e produzindo outras, suponho que não lhe darias nome diferente daquele empregado há pouco.

Teeteto 224d · §174 Certamente não.

Estrangeiro 224d · §175 Assim, também a parte da arte aquisitiva que procede por troca 224e e venda, seja simples revenda ou venda das próprias produções, qualquer que seja, enquanto pertencer ao comércio de conhecimentos, tu a chamarás sempre, ao que parece, sofística.

Teeteto 224e · §176 Preciso fazê-lo, pois devo seguir por onde o argumento conduz.

Estrangeiro 224e · §177 Examinemos ainda se a espécie que perseguimos apresenta outro aspecto de natureza semelhante.

Teeteto 225a · §178 De que natureza?

Estrangeiro 225a · §179 Concordamos que a luta é uma divisão da arte aquisitiva.

Teeteto 225a · §180 Sim.

Estrangeiro 225a · §181 É apropriado dividi-la em duas partes.

Teeteto 225a · §182 Dize quais.

Estrangeiro 225a · §183 Chamemos uma competitiva e a outra combativa.

Teeteto 225a · §184 De acordo.

Estrangeiro 225a · §185 É razoável e adequado dar à parte combativa constituída por confrontos corporais um nome como violência.

Teeteto 225a · §186 Sim.

Estrangeiro 225a · §187 E que nome daremos aos confrontos de palavras, senão controvérsia? 225b

Teeteto 225b · §188 Nenhum outro.

Estrangeiro 225b · §189 Mas a controvérsia deve dividir-se em duas espécies.

Teeteto 225b · §190 Como?

Estrangeiro 225b · §191 Quando longos discursos se opõem a longos discursos em público sobre o justo e o injusto, temos a controvérsia judicial.

Teeteto 225b · §192 Sim.

Estrangeiro 225b · §193 À que ocorre entre particulares, dividida em pequenos trechos por perguntas e respostas, costumamos chamar argumentação, não é?

Teeteto 225b · §194 Sim.

Estrangeiro 225b · §195 A parte da argumentação que trata 225c de contratos comerciais, na qual há controvérsia, mas conduzida sem formalidade nem regras de arte, deve ser considerada uma espécie distinta, já que nosso argumento a reconheceu como diferente das demais. Contudo, não recebeu nome dos predecessores, nem merece agora recebê-lo de nós.

Teeteto 225c · §196 Verdade: suas subdivisões são pequenas e variadas demais.

Estrangeiro 225c · §197 Mas à que possui regras de arte e controverte sobre o justo e o injusto em si e as outras questões em termos gerais, costumamos chamar disputa, não é?

Teeteto 225c · §198 Certamente.

Estrangeiro 225d · §199 Uma espécie de disputa faz perder dinheiro; outra, ganhá-lo.

Teeteto 225d · §200 Certamente.

Estrangeiro 225d · §201 Tentemos dizer que nome deve receber cada uma.

Teeteto 225d · §202 Sim, devemos.

Estrangeiro 225d · §203 A que leva alguém a negligenciar seus negócios pelo prazer de praticá-la, mas cujo estilo não agrada à maioria dos ouvintes, recebe, creio, o nome de tagarelice.

Teeteto 225d · §204 É aproximadamente esse o nome.

Estrangeiro 225e · §205 Agora a espécie oposta, que ganha dinheiro com disputas particulares: tenta tu dar-lhe um nome, pois é tua vez.

Teeteto 225e · §206 Que outra resposta poderíamos dar sem errar? Pela quarta vez aparece esse ser extraordinário que há tanto perseguimos: o sofista!

Estrangeiro 226a · §207 Sim: o sofista parece ser precisamente a espécie lucrativa da arte aquisitiva, de luta, combativa, controversista, argumentativa e disputadora, conforme nosso argumento acaba novamente de estabelecer.

Teeteto 226a · §208 Certamente.

Estrangeiro 226a · §209 Vês a verdade da afirmação de que essa criatura tem muitas faces e, como se diz, não se apanha com uma só mão?

Teeteto 226a · §210 Então precisamos apanhá-la com as duas.

Estrangeiro 226a · §211 Precisamos, e com todas as forças, 226b seguindo outra de suas pistas. Assim: há expressões ligadas a trabalhos de serviço que são de uso comum, não há?

Teeteto 226b · §212 Sim, muitas. Mas a quais delas te referes?

Estrangeiro 226b · §213 A estas: peneirar, coar, joeirar e separar. [2]

Teeteto 226b · §214 Certamente.

Estrangeiro 226b · §215 Além dessas, cardar, pentear, bater a trama e inúmeros outros termos técnicos que conhecemos. Não é assim?

Teeteto 226b · §216 Por que os usas como exemplos e perguntas por todos eles? 226c O que pretendes mostrar?

Estrangeiro 226c · §217 Todos os que mencionei envolvem uma ideia de divisão.

[2] Aparentemente, um termo que descreve alguma parte do processo de tecelagem; compare-se Platão, Crátilo 338b. [Nota desta edição: a referência é reproduzida tal como consta da transcrição-fonte.]

Teeteto 226c · §218 Sim.

Estrangeiro 226c · §219 Já que, a meu ver, uma só arte participa de todas essas operações, demos-lhe um só nome.

Teeteto 226c · §220 Qual?

Estrangeiro 226c · §221 Arte de discriminar.

Teeteto 226c · §222 Muito bem.

Estrangeiro 226c · §223 Vê agora se podemos descobrir duas divisões dessa arte.

Teeteto 226c · §224 Exiges um pensamento rápido para um rapaz como eu.

Estrangeiro 226d · §225 No entanto, na discriminação mencionada havia, primeiro, a separação do pior e do melhor; segundo, a de semelhantes entre si.

Teeteto 226d · §226 Sim, assim expresso, está bastante claro.

Estrangeiro 226d · §227 Não conheço um nome comum para a segunda discriminação; conheço, porém, o nome daquela que conserva o melhor e descarta o pior.

Teeteto 226d · §228 Qual?

Estrangeiro 226d · §229 Toda discriminação desse tipo é geralmente chamada, penso, uma espécie de purificação.

Teeteto 226d · §230 Sim, é.

Estrangeiro 226e · §231 E qualquer pessoa não perceberia que a purificação tem duas espécies?

Teeteto 226e · §232 Talvez, com tempo; mas ainda não percebo.

Estrangeiro 226e · §233 Há muitas purificações dos corpos, que podem ser reunidas sob um só nome.

Teeteto 226e · §234 Quais são, e qual é o nome?

Estrangeiro 226e · §235 A purificação dos seres vivos, relativa às impurezas internas do corpo, que a ginástica e a medicina distinguem e removem com êxito, 227a e às externas, pouco agradáveis de mencionar, de que cuida a arte dos banhos; e a purificação dos corpos inanimados, tarefa especial da arte dos pisoeiros e, em geral, da ornamentação exterior. Esta recebeu muitos nomes que, em suas pequenas subdivisões, parecem ridículos.

Questões do capítulo 2

1. Que «rios» o sofista procura nessa imagem?
   a) Rios exclusivamente navegáveis.
   b) Apenas rios marítimos.
   c) Rios do mundo subterrâneo.
   d) Rios de riqueza e juventude.

2. O que torna possível falar em caça de homens domesticados?
   a) A admissão de que o homem é um animal domesticado.
   b) A afirmação de que homens não são animais.
   c) A tese de que não existe persuasão.

d) A negação de toda vida em comunidade.

3. Qual alternativa reúne exemplos de caça pela força?
   a) Pintura, escultura e música.
   b) Conversação, presentes e exortação.
   c) Ginástica, medicina e banho.
   d) Pirataria, rapto, tirania e guerra.

4. Como se distingue a caça amorosa nessa classificação?
   a) Ela cobra dinheiro pela virtude.
   b) Ela emprega exclusivamente armas.
   c) Ela oferece presentes ao alvo.
   d) Ela vende conhecimentos entre cidades.

5. O que distingue o sofista do adulador na primeira definição?
   a) Produz animais em lugar de palavras.
   b) Alega educar para a virtude e cobra em dinheiro.
   c) Oferece apenas prazer em troca de sustento.
   d) Recusa conversar com particulares.

6. Qual é o objeto do comércio da alma discutido no texto?
   a) Somente metais usados em moedas.
   b) Exclusivamente alimentos e bebidas.
   c) A compra literal de almas separadas dos corpos.
   d) Produtos culturais e conhecimentos.

7. Por que o vendedor de conhecimentos pode receber o nome de sofista?
   a) Porque só pode vender mercadorias que inventou.
   b) Porque negocia conhecimentos relativos à virtude.
   c) Porque viajar dispensa qualquer discurso.
   d) Porque toda venda de arte é necessariamente sofística.

8. Que diferença existe entre o comerciante itinerante e o revendedor local?
   a) Um possui alma; o outro não.
   b) Um negocia entre cidades; o outro vende na própria cidade.
   c) Um sempre conhece a verdade; o outro nunca fala.
   d) Um vende apenas coisas naturais; o outro apenas animais.

9. O que distingue a disputa sofística da tagarelice nessa divisão?
   a) A disputa sofística ocorre sem palavras.
   b) A tagarelice exige conhecimento universal.
   c) A tagarelice é necessariamente uma ciência.
   d) A disputa sofística ganha dinheiro.

10. Qual discriminação recebe o nome de purificação?
    a) Somente a divisão de uma palavra em letras.
    b) Qualquer separação de semelhantes, sem avaliação.
    c) A que conserva o melhor e elimina o pior.
    d) A mistura de todas as coisas sem distinção.

Respostas comentadas

1. D. A metáfora aponta para os jovens ricos que constituem seu alvo. Referência: 222a.

2. A. Teeteto aceita essa classificação para que a divisão prossiga. Referência: 222b–c.

3. D. A força é contraposta à caça por persuasão. Referência: 222c–d.

4. C. A oferta de presentes é a característica destacada dos amantes. Referência: 222d–e.

5. B. O adulador usa o prazer como isca; o sofista alega oferecer educação. Referência: 222e–223b.

6. D. A divisão contrapõe o que atende ao corpo ao que atende à alma. Referência: 223d–224b.

7. B. O comércio da virtude distingue a espécie buscada dentro do comércio de conhecimentos. Referência: 224b–c.

8. B. O texto conserva o nome sofística nas modalidades pertinentes de venda de conhecimentos. Referência: 223d–224e.

9. D. Ambas pertencem à disputa, mas se distinguem por fazer ganhar ou perder dinheiro. Referência: 225d–226a.

10. C. A purificação é uma espécie particular da arte de discriminar. Referência: 226c–e.

Capítulo 3

Purificação e educação

Divisão editorial · 227a–231e

Teeteto 227a · §236 Muito ridículos.

Estrangeiro 227a · §237 Sem dúvida, Teeteto. Contudo, o método dos argumentos não se interessa mais nem menos pela medicina que pela limpeza com esponja: é indiferente a que uma nos beneficie pouco e outra muito por sua purificação. 227b Procura compreender, em todas as artes, o que é aparentado e o que não é, para adquirir entendimento. Por isso, honra todas igualmente e não considera uma mais ridícula que outra ao compará-las; tampouco julga mais digno quem toma como exemplo de caça a estratégia militar do que quem toma a caça aos piolhos: em geral, considera-o apenas mais pretensioso. Quanto a tua pergunta sobre o nome de todas as atividades que purificam corpos, animados ou inanimados, não importa ao nosso método 227c qual nome soa mais belo. Interessa-lhe apenas reunir sob um nome todas as outras purificações e distingui-las da purificação da alma. Se entendemos sua intenção, era essa purificação que nossa discussão tentava separar claramente das demais.

Teeteto 227c · §238 Compreendo, e concordo que há duas espécies de purificação: uma delas é a da alma, separada da do corpo.

Estrangeiro 227c · §239 Excelente. Presta atenção ao ponto seguinte 227d e tenta novamente dividir o termo.

Teeteto 227d · §240 Tentarei ajudar na divisão pelo caminho que sugerires.

Estrangeiro 227d · §241 Dizemos que a maldade é distinta da virtude na alma?

Teeteto 227d · §242 É claro.

Estrangeiro 227d · §243 E purificar era conservar uma e lançar fora tudo o que há de mau?

Teeteto 227d · §244 Sim.

Estrangeiro 227d · §245 Portanto, sempre que encontrarmos uma remoção do mal da alma, será correto chamá-la purificação.

Teeteto 227d · §246 Muito correto.

Estrangeiro 227d · §247 Devemos dizer que há duas espécies de mal na alma.

Teeteto 227d · §248 Quais?

Estrangeiro 228a · §249 Uma é comparável à doença do corpo; a outra, à deformidade.

Teeteto 228a · §250 Não compreendo.

Estrangeiro 228a · §251 Talvez não tenhas considerado que doença e discórdia são a mesma coisa.

Teeteto 228a · §252 Também não sei o que responder a isso.

Estrangeiro 228a · §253 Será porque consideras a discórdia algo diferente de um desacordo, provocado por corrupção, entre coisas naturalmente aparentadas?

Teeteto 228a · §254 Não: penso que é precisamente isso.

Estrangeiro 228a · §255 E a deformidade é algo diferente da presença da desproporção, que é sempre feia?

Teeteto 228b · §256 Nada diferente.

Estrangeiro 228b · §257 Não vemos, então, nas almas dos homens sem valor, opiniões opostas aos desejos, ira oposta aos prazeres, razão oposta à dor e todas essas coisas opostas umas às outras?

Teeteto 228b · §258 Vemos, sem dúvida.

Estrangeiro 228b · §259 E, no entanto, são todas naturalmente aparentadas.

Teeteto 228b · §260 É claro.

Estrangeiro 228b · §261 Será correto dizer, portanto, que a maldade é uma discórdia e uma doença da alma.

Teeteto 228b · §262 Sim, inteiramente correto.

Estrangeiro 228c · §263 Mas, quando coisas em movimento visam a um alvo e passam ao lado dele, errando toda vez que tentam atingi-lo, diremos que isso lhes acontece pela proporção correta entre elas ou, ao contrário, pela desproporção? [1]

Teeteto 228c · §264 Evidentemente, pela desproporção.

Estrangeiro 228c · §265 Sabemos, porém, que toda alma que ignora alguma coisa a ignora contra sua vontade.

Teeteto 228c · §266 Sem dúvida.

Estrangeiro 228c · §267 Ignorar não é outra coisa senão 228d o desvio de uma alma que visa à verdade, quando seu entendimento passa ao lado do alvo.

Teeteto 228d · §268 É bem verdade.

Estrangeiro 228d · §269 Devemos, então, considerar a alma insensata deformada e desproporcionada.

Teeteto 228d · §270 Assim parece.

Estrangeiro 228d · §271 Há, portanto, essas duas espécies de males na alma: uma, chamada maldade, é claramente uma doença.

Teeteto 228d · §272 Sim.

Estrangeiro 228d · §273 A outra é chamada ignorância; mas não se quer reconhecer que seja um vício quando ocorre apenas na alma.

[1] A conexão entre desproporção e errar o alvo não é evidente. A explicação segundo a qual um projétil, como uma flecha, mal equilibrado não voa em linha reta não considera as palavras pros allēla, «uns em relação aos outros». A ideia parece antes ser que objetos móveis de diferentes tamanhos, formas e velocidades interferem uns com os outros.

Teeteto 228e · §274 É preciso admitir, embora eu tenha contestado quando falaste há pouco, que há duas espécies de vício na alma. Covardia, intemperança e injustiça devem ser consideradas igualmente uma doença em nós; já a condição extensa e variada da ignorância deve ser considerada deformidade.

Estrangeiro 228e · §275 No corpo, há duas artes relativas a essas duas condições más, não é?

Teeteto 228e · §276 Quais?

Estrangeiro 229a · §277 Para a deformidade, a ginástica; para a doença, a medicina.

Teeteto 229a · §278 Está claro.

Estrangeiro 229a · §279 Assim, quanto à insolência, à injustiça e à covardia, não é a arte corretiva a mais intimamente ligada à justiça?

Teeteto 229a · §280 Provavelmente, ao menos segundo o juízo dos homens.

Estrangeiro 229a · §281 E, para todas as ignorâncias, haveria arte mais apropriada que a instrução?

Teeteto 229a · §282 Não, nenhuma.

Estrangeiro 229a · §283 Pensa agora: diremos que 229b há uma só instrução ou várias, das quais duas são as principais?

Teeteto 229b · §284 Estou pensando.

Estrangeiro 229b · §285 Creio que descobriremos mais depressa por este caminho.

Teeteto 229b · §286 Qual?

Estrangeiro 229b · §287 Vendo se a ignorância admite divisão ao meio. Se ela se mostrar dupla, a instrução também deverá ter duas partes, uma para cada espécie de ignorância.

Teeteto 229b · §288 Consegues ver o que procuras?

Estrangeiro 229c · §289 Creio ver uma ignorância grande e penosa, distinta das demais e tão importante quanto todas as outras juntas.

Teeteto 229c · §290 Qual?

Estrangeiro 229c · §291 Julgar que se sabe o que não se sabe. Acredito que isso causa todos os nossos erros de pensamento.

Teeteto 229c · §292 Verdade.

Estrangeiro 229c · §293 E apenas essa ignorância recebe o nome de estupidez.

Teeteto 229c · §294 Certamente.

Estrangeiro 229c · §295 Que nome daremos à parte da instrução que a remove?

Teeteto 229d · §296 Creio, estrangeiro, que a outra parte se chama ensino de ofícios; esta, por nossa influência, chama-se aqui em Atenas educação.

Estrangeiro 229d · §297 Assim é, Teeteto, entre quase todos os gregos. Precisamos examinar se é una e indivisível ou se ainda admite uma divisão suficientemente importante para receber nome.

Teeteto 229d · §298 Sim, precisamos verificar.

Estrangeiro 229d · §299 Creio que ainda pode dividir-se.

Teeteto 229d · §300 Segundo que princípio?

Estrangeiro 229d · §301 Na instrução por argumentos, um método 229e parece mais áspero; a outra parte, mais suave.

Teeteto 229e · §302 Como chamaremos cada uma?

Estrangeiro 229e · §303 O venerável método de nossos pais, geralmente empregado com os filhos e ainda usado por muitos, ora se irritando com seus erros, 230a ora exortando-os mais suavemente, seria chamado, em conjunto e com propriedade, admoestação.

Teeteto 230a · §304 É verdade.

Estrangeiro 230a · §305 Outros parecem ter-se convencido de que toda ignorância é involuntária; de que quem se julga sábio nunca aceitará aprender aquilo em que acredita ser competente; e de que a educação por admoestações dá muito trabalho e pouco resultado.

Teeteto 230a · §306 Têm toda a razão.

Estrangeiro 230b · §307 Por isso, procuram expulsar de outro modo a presunção de saber.

Teeteto 230b · §308 De que modo?

Estrangeiro 230b · §309 Interrogam um homem sobre aquilo de que ele julga falar com sentido quando nada diz de sensato. Descobrem facilmente que suas opiniões são errantes; durante a discussão, reúnem-nas, comparam-nas entre si e mostram que se contradizem sobre as mesmas coisas, nas mesmas relações e sob os mesmos aspectos. Ao perceber isso, os interrogados se irritam consigo mesmos e se tornam brandos com os outros. Assim 230c se libertam das opiniões elevadas e obstinadas sobre si próprios. Essa libertação proporciona o maior prazer aos ouvintes e o benefício mais duradouro a quem a experimenta. Como os médicos do corpo julgam que nenhum alimento pode beneficiá-lo antes da remoção dos obstáculos, assim, meu rapaz, os purificadores da alma julgam que ela não pode beneficiar-se dos ensinamentos 230d antes que alguém, interrogando e refutando, leve o interrogado à modéstia: remove as opiniões que impedem o aprendizado, purifica-o e faz que pense saber apenas o que sabe, e nada além disso.

Teeteto 230d · §310 Esse é certamente o melhor e mais razoável estado de espírito.

Estrangeiro 230d · §311 Por todas essas razões, Teeteto, devemos afirmar que a refutação por perguntas é a maior e mais eficaz das purificações. Quem não é refutado, ainda que seja o Grande Rei, 230e não foi purificado das maiores manchas e permanece inculto e deformado precisamente naquilo em que quem deseja ser verdadeiramente feliz deveria ser mais puro e belo.

Teeteto 230e · §312 Perfeitamente verdadeiro.

Estrangeiro 230e · §313 Quem são, então, os que praticam essa arte? 231a Tenho receio de dizer: os sofistas.

Teeteto 231a · §314 Por quê?

Estrangeiro 231a · §315 Para não lhes concedermos honra excessiva.

Teeteto 231a · §316 Mas a descrição que acabas de dar se parece muito com alguém dessa espécie.

Estrangeiro 231a · §317 Sim; e o lobo se parece muito com o cão, o mais selvagem com o mais domesticado dos animais. O homem cauteloso deve estar especialmente atento às semelhanças, pois são muito escorregadias. Admitamos, porém, que são os sofistas: creio que a discussão não girará em torno de pequenas distinções 231b quando se tomar o devido cuidado.

Teeteto 231b · §318 Provavelmente não.

Estrangeiro 231b · §319 Admitamos então que uma parte da arte de discriminar é a purificação; que da purificação se separa a da alma; desta, a instrução; e da instrução, a educação. Concordemos ainda que a refutação da vã presunção de sabedoria, revelada em nossa discussão, é precisamente a sofística de nobre estirpe.

Teeteto 231b · §320 Concordemos com tudo isso. Mas o sofista já apareceu como tantas coisas que não sei 231c dizer o que ele realmente é com segurança de estar dizendo a verdade.

Estrangeiro 231c · §321 Não admira tua dificuldade. Mas é justo supor que ele esteja ainda mais embaraçado, sem saber como escapar de nosso argumento. Tem razão o provérbio: não é fácil escapar de todas as pegadas de um lutador. Ataquemo-lo agora com vigor redobrado.

Teeteto 231c · §322 Tens razão.

Estrangeiro 231c · §323 Primeiro, paremos para respirar e, enquanto descansamos, contemos 231d as formas sob as quais o sofista nos apareceu. Primeiro, creio, como caçador remunerado de jovens ricos.

Teeteto 231d · §324 Sim.

Estrangeiro 231d · §325 Segundo, como uma espécie de comerciante de conhecimentos para a alma.

Teeteto 231d · §326 Certamente.

Estrangeiro 231d · §327 Terceiro, não apareceu como revendedor desses mesmos conhecimentos?

Teeteto 231d · §328 Sim; e, quarto, como vendedor dos conhecimentos que ele próprio produz.

Estrangeiro 231d · §329 Tua memória é boa. Tentarei lembrar o quinto caso: era um atleta 231e nos combates de palavras, que tomara para si a arte da disputa.

Teeteto 231e · §330 Sim.

Estrangeiro 231e · §331 O sexto caso era duvidoso; concordamos, contudo, em considerá-lo um purificador de almas, que remove as opiniões impeditivas do aprendizado.

Teeteto 231e · §332 É bem verdade.

Questões do capítulo 3

1. Como o método trata a medicina e a limpeza com esponja?
   a) Com igual interesse classificatório, apesar de sua utilidade diferente.
   b) Considera impossível comparar artes humildes.
   c) Aceita apenas atividades de grande prestígio.
   d) Declara que seus benefícios são exatamente iguais.

2. Qual divisão principal de purificação é estabelecida?
   a) Purificação de letras e de sons.
   b) Purificação do corpo e purificação da alma.
   c) Purificação de jovens e de ricos.
   d) Purificação de tudo que se move e nada mais.

3. A que se compara a maldade da alma?
   a) À cor de um objeto.
   b) À produção de uma imagem fiel.
   c) À unidade absoluta sem partes.
   d) À doença, entendida como discórdia.

4. A que se compara a ignorância?
   a) À saúde completa do corpo.
   b) À coragem em combate.
   c) À deformidade ou desproporção.
   d) Ao repouso de todo o universo.

5. Qual arte é apresentada como tratamento da ignorância?
   a) A instrução.
   b) A adulação.
   c) A arquitetura.
   d) A pirataria.

6. Qual ignorância é destacada como especialmente grave?
   a) Reconhecer que ainda é preciso aprender.
   b) Julgar saber o que não se sabe.
   c) Ignorar o nome de uma cidade distante.
   d) Fazer perguntas ao interlocutor.

7. Por que a simples admoestação pode ser insuficiente?
   a) Quem se julga sábio não aceita aprender aquilo que crê conhecer.
   b) Porque nenhuma ignorância pode ser removida.
   c) Porque aprender exige sempre pagamento.
   d) Porque todo conselho é necessariamente falso.

8. Como funciona a refutação descrita?
   a) Impõe uma conclusão sem ouvir respostas.
   b) Mostra que quaisquer frases diferentes se contradizem.
   c) Reúne opiniões e mostra suas contradições sobre o mesmo assunto e aspecto.
   d) Troca a prova por insultos pessoais.

9. Qual é o benefício central dessa refutação?
   a) Aprender a derrotar qualquer pessoa por dinheiro.
   b) Eliminar toda possibilidade de discurso.
   c) Adquirir imediatamente conhecimento de tudo.
   d) Reconhecer os limites do próprio saber e tornar-se capaz de aprender.

10. Por que o Estrangeiro hesita em chamar esse purificador de sofista?
    a) Porque nenhum sofista conversa com jovens.
    b) Porque a refutação é sempre proibida.
    c) Porque o cão e o lobo são o mesmo animal individual.
    d) Receia conceder honra excessiva por uma semelhança enganadora.

Respostas comentadas

1. A. O método busca parentescos e diferenças, sem hierarquizá-las pelo prestígio dos exemplos. Referência: 227a–c.

2. B. O método separa a purificação da alma das purificações corporais. Referência: 227c.

3. D. O conflito entre elementos naturalmente aparentados fundamenta a comparação. Referência: 228a–b.

4. C. A alma que visa à verdade, mas erra o alvo, é comparada a algo desproporcionado. Referência: 228c–e.

5. A. A instrução corresponde ao mal intelectual, enquanto a correção enfrenta a maldade. Referência: 229a.

6. B. A falsa convicção de saber impede o aprendizado. Referência: 229b–c.

7. A. O diagnóstico motiva uma forma de educação que remove a presunção. Referência: 230a.

8. C. A comparação deve respeitar assunto, relação e aspecto para revelar contradição. Referência: 230b.

9. D. A comparação médica apresenta a refutação como remoção de obstáculos ao ensino. Referência: 230c–d.

10. D. A comparação entre lobo e cão exige cuidado com aparências semelhantes. Referência: 231a–b.

Capítulo 4

Saber aparente e imagens

Divisão editorial · 232a–237a

Estrangeiro 232a · §333 Percebes que, quando um homem parece conhecer muitas coisas, mas recebe o nome de uma única arte, há algo de errado nessa impressão? Quem a tem acerca de uma arte é evidentemente incapaz de perceber seu princípio comum, ao qual pertencem todos esses conhecimentos; por isso chama seu possuidor por muitos nomes em vez de um.

Teeteto 232a · §334 É muito provável que seja algo assim.

Estrangeiro 232b · §335 Não permitamos que isso nos aconteça por falta de cuidado. Retomemos primeiro uma de nossas afirmações sobre o sofista: uma delas me pareceu designá-lo com mais clareza.

Teeteto 232b · §336 Qual?

Estrangeiro 232b · §337 Dissemos, creio, que era um disputador.

Teeteto 232b · §338 Sim.

Estrangeiro 232b · §339 E não dissemos também que ensinava aos outros essa arte de disputar?

Teeteto 232b · §340 Certamente.

Estrangeiro 232b · §341 Examinemos sobre que assuntos esses homens afirmam tornar seus alunos capazes de disputar. Comecemos 232c por esta pergunta: tornam-nos capazes de disputar sobre as coisas divinas, invisíveis aos demais?

Teeteto 232c · §342 Essa, pelo menos, é sua reputação.

Estrangeiro 232c · §343 E sobre as coisas visíveis da terra, do céu e semelhantes?

Teeteto 232c · §344 É claro que também.

Estrangeiro 232c · §345 Além disso, nas conversas particulares sobre o devir e o ser em geral, sabemos que são hábeis disputadores e transmitem igual habilidade aos outros, não é?

Teeteto 232c · §346 Certamente.

Estrangeiro 232d · §347 E quanto às leis e aos assuntos públicos em geral? Não prometem tornar os homens capazes de argumentar sobre eles?

Teeteto 232d · §348 Sim: de modo geral, ninguém frequentaria suas aulas se não fizessem essa promessa.

Estrangeiro 232d · §349 Quanto a todas as artes, em conjunto e separadamente, encontra-se

escrito e publicado em algum lugar o que o especialista deve responder a cada adversário, para que aprenda quem quiser.

Teeteto 232d · §350 Parece que te referes aos manuais de Protágoras 232e sobre a luta e as outras artes.

Estrangeiro 232e · §351 Sim, meu amigo, e aos de muitos outros autores. Em suma, a arte de disputar não é uma capacidade treinada para argumentar sobre todas as coisas?

Teeteto 232e · §352 Pelo menos não parece deixar muita coisa de fora.

Estrangeiro 232e · §353 Pelos deuses, meu rapaz, julgas isso possível? Talvez vós, jovens, enxergueis essa questão melhor que nossa vista menos aguda.

Teeteto 233a · §354 Que queres dizer e a que te referes? Ainda não compreendo a pergunta.

Estrangeiro 233a · §355 Pergunto se é possível um homem conhecer todas as coisas.

Teeteto 233a · §356 Se fosse possível, estrangeiro, nossa raça seria realmente bem-aventurada.

Estrangeiro 233a · §357 Como pode, então, alguém que ignora dizer algo de valor numa discussão com quem sabe?

Teeteto 233a · §358 Não pode de modo algum.

Estrangeiro 233a · §359 Qual será, afinal, o poder mágico da arte sofística?

Teeteto 233a · §360 Poder mágico em que sentido?

Estrangeiro 233b · §361 Na maneira como conseguem fazer os jovens julgar que eles são os mais sábios em tudo. É claro que, se não disputassem corretamente nem parecessem fazê-lo aos jovens, ou se parecessem discutir corretamente, mas não fossem por isso considerados mais sábios, ninguém, para citar tuas palavras, [1] desejaria pagar-lhes para tornar-se aluno dessas matérias.

Teeteto 233b · §362 Certamente não.

Estrangeiro 233b · §363 Mas, de fato, as pessoas desejam fazê-lo?

Teeteto 233b · §364 Muito.

Estrangeiro 233c · §365 Porque se supõe, imagino, que conheçam as coisas sobre as quais disputam.

Teeteto 233c · §366 É claro.

Estrangeiro 233c · §367 E fazem isso sobre todas as coisas, não é?

Teeteto 233c · §368 Sim.

Estrangeiro 233c · §369 Portanto, parecem aos alunos sábios em tudo.

Teeteto 233c · §370 Certamente.

Estrangeiro 233c · §371 Embora não o sejam, pois mostramos ser impossível.

Teeteto 233c · §372 É claro que é impossível.

Estrangeiro 233c · §373 Assim, o sofista se revelou possuidor de um saber de mera opinião sobre tudo, e não de conhecimento verdadeiro.

[1] Compare-se Platão, Teeteto 232d. [Nota desta edição: a referência está assim na transcrição, embora 232d pertença ao Sofista; confira a edição impressa antes de citá-la.]

Teeteto 233d · §374 Certamente; e não me surpreenderia se essa fosse nossa afirmação mais exata sobre ele até agora.

Estrangeiro 233d · §375 Tomemos um exemplo mais claro para explicar isso.

Teeteto 233d · §376 Que exemplo?

Estrangeiro 233d · §377 Este; procura prestar atenção e responder com muito cuidado.

Teeteto 233d · §378 Qual é a pergunta?

Estrangeiro 233d · §379 Se alguém dissesse que, por uma única arte, sabia não afirmar ou discutir, mas fazer e produzir todas as coisas...

Teeteto 233e · §380 Que entendes por todas as coisas?

Estrangeiro 233e · §381 Não compreendeste o começo do que disse: parece que não entendes a palavra «todas».

Teeteto 233e · §382 Não, não entendo.

Estrangeiro 233e · §383 Incluo entre todas a ti, a mim, aos outros animais e também às árvores.

Teeteto 233e · §384 Que queres dizer?

Estrangeiro 233e · §385 Se alguém dissesse que produziria a ti, a mim e a todos os demais seres gerados.

Teeteto 233e · §386 Que entenderia ele por produzir? É evidente que não dirás 234a tratar-se de um agricultor, pois disseste que produziria também animais.

Estrangeiro 234a · §387 Sim: e o mar, a terra, o céu, os deuses e tudo o mais. Além disso, produz tudo depressa e vende por muito pouco.

Teeteto 234a · §388 Isso é alguma brincadeira tua.

Estrangeiro 234a · §389 É? E, quando alguém diz conhecer tudo e poder ensiná-lo a outro por um pequeno preço em pouco tempo, não devemos considerar isso uma brincadeira?

Teeteto 234a · §390 Certamente.

Estrangeiro 234b · §391 Existe brincadeira mais artística ou encantadora que a imitação?

Teeteto 234b · §392 Certamente não. É muito frequente e, por assim dizer, extremamente variada: tua expressão é muito abrangente.

Estrangeiro 234b · §393 Reconhecemos, portanto, que quem se declara capaz de produzir tudo por uma única arte poderá, pela pintura, produzir imitações com os mesmos nomes das coisas reais. Mostrando os quadros de longe, poderá enganar as crianças menos perspicazes, fazendo-as acreditar que consegue realmente realizar tudo o que deseja.

Teeteto 234c · §394 Certamente.

Estrangeiro 234c · §395 Não devemos esperar encontrar outra arte, relativa às palavras, capaz de enfeitiçar os jovens pelos ouvidos, enquanto ainda estão longe da realidade verdadeira, exibindo-lhes imagens faladas de tudo, de modo que pareçam verdadeiras e que o falante pareça o mais sábio de todos em tudo?

Teeteto 234d · §396 Por que não existiria essa outra arte?

Estrangeiro 234d · §397 A maioria dos ouvintes, Teeteto, à medida que vive e envelhece, neces-

sariamente se aproxima das realidades. As experiências dolorosas [2] os obrigam a apreendê-las diretamente; precisam mudar as opiniões antes aceitas: o grande aparece pequeno, o fácil, difícil, e 234e todas as aparentes verdades dos argumentos são reviradas pelos fatos da vida real. Não é assim?

Teeteto 234e · §398 Sim, tanto quanto alguém da minha idade pode julgar. Mas imagino ser um dos que ainda estão à distância.

Estrangeiro 234e · §399 Por isso, nós, os mais velhos aqui presentes, tentaremos, e já tentamos, aproximar-te o máximo possível sem a experiência dolorosa. Responde, então, sobre o sofista: 235a está claro que é uma espécie de prestidigitador, um imitador das realidades, ou ainda duvidamos se possui verdadeiramente conhecimento de tudo aquilo sobre que parece capaz de argumentar?

Teeteto 235a · §400 Como poderíamos duvidar, meu caro? Pelo que foi dito, já é bastante claro que pertence aos que se ocupam de divertir.

Estrangeiro 235a · §401 Isto é, devemos classificá-lo como prestidigitador e imitador.

Teeteto 235a · §402 É claro.

Estrangeiro 235a · §403 Fica atento: agora precisamos impedir 235b que a fera escape outra vez. Quase a cercamos numa rede de procedimentos argumentativos próprios desses assuntos, de modo que ela não escapará ao passo seguinte.

Teeteto 235b · §404 Que passo?

Estrangeiro 235b · §405 A conclusão de que pertence à espécie dos ilusionistas.

Teeteto 235b · §406 Concordo também com esse juízo.

Estrangeiro 235b · §407 Está decidido: dividiremos o mais depressa possível a arte de produzir imagens e desceremos por suas partes. Se o sofista resistir logo de início, nós o prenderemos por ordem da razão, 235c nosso rei; entregá-lo-emos ao rei e exibiremos sua captura. Se procurar abrigo numa das seções da imitação, devemos segui-lo, dividindo sempre a seção em que se refugiou, até capturá-lo. Nem ele nem qualquer outra criatura poderá vangloriar-se de ter escapado a perseguidores capazes de segui-la por toda parte, em detalhe e metodicamente.

Teeteto 235c · §408 Tens razão: é o que devemos fazer.

Estrangeiro 235c · §409 Retornando ao nosso método de divisão, 235d creio perceber agora duas espécies de imitação; mas ainda não consigo distinguir em qual delas está a forma que buscamos.

Teeteto 235d · §410 Primeiro faze a divisão e dize quais são as duas espécies.

Estrangeiro 235d · §411 Vejo como uma parte da imitação a arte de produzir semelhanças. Ela ocorre geralmente quando se produz uma imitação conservando as proporções do modelo em comprimento, largura e profundidade, e dando ainda 235e a cada parte suas cores apropriadas.

Teeteto 235e · §412 Sim, mas não tentam todos os imitadores fazer isso?

Estrangeiro 235e · §413 Não os que produzem grandes esculturas ou pinturas. Se reproduzissem as proporções verdadeiras das belas formas, as partes superiores pareceriam menores, 236a e as inferiores maiores do que deveriam, pois vemos aquelas de longe e estas de perto.

[2] Aparentemente, referência a uma expressão proverbial. Comparem-se Hesíodo, Trabalhos e dias 216, «aprendeu sofrendo», e Heródoto 1.207, «os sofrimentos são ensinamentos».

Teeteto 236a · §414 Certamente.

Estrangeiro 236a · §415 Os artistas abandonam, então, a verdade e dão às figuras, não as proporções reais, mas as que parecem belas, não é?

Teeteto 236a · §416 Certamente.

Estrangeiro 236a · §417 Ao que é outro, mas semelhante, podemos chamar corretamente uma semelhança, não é?

Teeteto 236a · §418 Sim.

Estrangeiro 236b · §419 E a parte da imitação que se ocupa dessas coisas deve chamar-se, como antes, produção de semelhanças?

Teeteto 236b · §420 Sim.

Estrangeiro 236b · §421 Mas como chamaremos aquilo que, visto de posição desfavorável, parece semelhante ao belo, porém nem sequer pareceria semelhante ao que afirma imitar se alguém pudesse ver adequadamente obras tão grandes? Como parece, mas não é semelhante, não o chamaremos aparência?

Teeteto 236b · §422 Certamente.

Estrangeiro 236b · §423 Isso é muito comum na pintura 236c e em toda imitação?

Teeteto 236c · §424 É claro.

Estrangeiro 236c · §425 E o nome mais correto para a arte que produz aparência, mas não semelhança, seria arte de produzir aparências, não é?

Teeteto 236c · §426 Sem dúvida.

Estrangeiro 236c · §427 Eram essas as duas formas da produção de imagens que eu tinha em mente: produzir semelhanças e produzir aparências.

Teeteto 236c · §428 Tens razão.

Estrangeiro 236c · §429 Antes eu não sabia em qual das duas colocar o sofista, e ainda agora não vejo com clareza. 236d Esse sujeito é realmente extraordinário e difícil de manter à vista: mais uma vez escapou, com extrema habilidade, para uma classificação desconcertante, na qual é difícil segui-lo.

Teeteto 236d · §430 Assim parece.

Estrangeiro 236d · §431 Concordas porque reconheces o fato ou o hábito te levou depressa demais a concordar?

Teeteto 236d · §432 Que queres dizer e por que falaste assim?

Estrangeiro 236d · §433 Estamos, meu amigo, envolvidos numa investigação 236e muito difícil. Aparecer e parecer sem ser, e dizer coisas que não são verdadeiras: tudo isso sempre foi e continua sendo muito embaraçoso. Compreendes, Teeteto, que é extremamente difícil entender como alguém pode dizer ou pensar que a falsidade realmente existe sem, ao dizê-lo, envolver-se 237a em contradição.

Questões do capítulo 4

1. O que a multiplicidade de definições exige investigar?

a) O número de moedas cobradas em cada aula.
b) A impossibilidade de toda definição.
c) O princípio comum da arte atribuída ao sofista.
d) A origem familiar de cada interlocutor.

2. Que capacidade os sofistas dizem ensinar?

a) Somente pescar com anzol.
b) Produzir fisicamente o universo.
c) Disputar sobre todos os assuntos.
d) Conhecer apenas as leis de Eleia.

3. Qual dificuldade afeta a pretensão de saber tudo?

a) Não é possível a um homem conhecer todas as coisas.
b) Todos os assuntos são um único objeto físico.
c) Todo conhecimento é idêntico à riqueza.
d) Nenhum homem pode conhecer coisa alguma.

4. Que saber o sofista parece possuir nessa conclusão?

a) O conhecimento direto de todas as coisas divinas.
b) Uma sabedoria que dispensa alunos.
c) Uma ciência demonstrada de cada arte.
d) Um saber de opinião, aparente, em lugar de conhecimento verdadeiro.

5. Como um pintor pode parecer capaz de produzir tudo?

a) Transforma todos os espectadores em especialistas.
b) Cria literalmente todos os animais e deuses.
c) Elimina a diferença entre tinta e ser vivo.
d) Produz imagens das coisas e as mostra à distância.

6. Qual é o equivalente verbal da pintura enganadora?

a) Exibir imagens faladas a ouvintes distantes da verdade.
b) Substituir toda conversa por gestos.
c) Enumerar palavras sem qualquer ouvinte.
d) Demonstrar integralmente cada conhecimento técnico.

7. Como a experiência pode modificar as primeiras opiniões?

a) O tempo torna impossível revisar crenças.
b) Os fatos precisam sempre adaptar-se às palavras do sofista.
c) A idade garante que toda opinião seja verdadeira.
d) O contato com os fatos pode inverter o que antes parecia fácil ou verdadeiro.

8. O que caracteriza a produção de semelhanças?

a) Negar que existam modelos.
b) Conservar proporções e cores adequadas do modelo.
c) Alterar sempre as proporções para parecer belo de um ponto de vista.
d) Produzir apenas discursos judiciais.

9. Por que certos artistas alteram as proporções de grandes obras?

a) Para tornar a obra invisível.
b) Porque toda proporção verdadeira é impossível em qualquer obra.
c) Para compensar o ponto de vista e produzir a aparência desejada.
d) Porque o modelo não possui tamanho.

10. Que problema interrompe a classificação do sofista como imitador?

a) Explicar como pode haver aparência e discurso falso.
b) Escolher qual cidade possui mais pintores.
c) Demonstrar que a pesca produz animais.
d) Determinar o preço exato de uma escultura.

Respostas comentadas

1. C. Muitos nomes podem revelar que ainda não se percebeu o que unifica a atividade. Referência: 232a–b.

2. C. A abrangência da disputa inclui temas divinos, naturais e políticos. Referência: 232b–e.

3. A. A impossibilidade do conhecimento universal separa parecer sábio de sê-lo. Referência: 233a–c.

4. D. A aparência de saber explica a eficácia perante os jovens. Referência: 233b–d.

5. D. O exemplo distingue produção de imagens e produção das coisas reais. Referência: 234a–b.

6. A. A distância intelectual torna os jovens vulneráveis às imagens em palavras. Referência: 234c.

7. D. O Estrangeiro descreve a revisão de opiniões pela experiência dolorosa. Referência: 234d–e.

8. B. Essa modalidade procura seguir as proporções verdadeiras. Referência: 235d–e.

9. C. O alto e o baixo parecem diferentes pela distância de observação. Referência: 235e–236a.

10. A. A possibilidade da falsidade leva à investigação do não ser. Referência: 236d–237a.

Capítulo 5

O problema do não ser

Divisão editorial · 237a–241e

Teeteto 237a · §434 Por quê?

Estrangeiro 237a · §435 Essa afirmação envolve a suposição ousada de que o não ser existe, pois, de outro modo, a falsidade não poderia existir. Mas o grande Parmênides, meu rapaz, desde nossa infância até o fim da vida, sempre protestou contra isso, repetindo em prosa e verso: «Nunca prevaleça este pensamento: que o não ser é; afasta, porém, tua mente desse caminho de investigação» (Parmênides, fragmento 7). 237b Esse é seu testemunho; e um exame racional da própria afirmação o tornaria absolutamente claro. Consideremos primeiro esse assunto, se concordas.

Teeteto 237b · §436 Conta com meu consentimento para o que quiseres. Considera apenas o melhor modo de desenvolver o argumento; segue teu caminho e leva-me contigo.

Estrangeiro 237b · §437 Muito bem. Dize: ousamos empregar a expressão «o não ser absoluto»?

Teeteto 237b · §438 É claro.

Estrangeiro 237b · §439 Se um de seus discípulos fosse interrogado, não por discussão ou brincadeira, mas 237c seriamente, sobre a que se aplica a designação «não ser», como julgamos que responderia? Como empregaria o termo, para quê e a respeito de qual objeto?

Teeteto 237c · §440 É uma pergunta difícil; para alguém como eu, posso dizer, não tem resposta.

Estrangeiro 237c · §441 Isto ao menos está claro: o termo «não ser» não pode aplicar-se a nenhum ser.

Teeteto 237c · §442 Certamente não.

Estrangeiro 237c · §443 E, se não pode aplicar-se ao ser, tampouco poderia aplicar-se corretamente a algo.

Teeteto 237c · §444 Como poderia?

Estrangeiro 237d · §445 Está claro que sempre empregamos «algo» a respeito de algum ser: dizer «algo» abstrato, nu, por assim dizer, e desligado de todos os seres é impossível, não é?

Teeteto 237d · §446 Sim.

Estrangeiro 237d · §447 Concordas porque reconheces que quem diz «algo» deve dizer alguma coisa una?

Teeteto 237d · §448 Sim.

Estrangeiro 237d · §449 E admitirás que «algo» no singular indica um; no dual, dois; no plural, muitos.

Teeteto 237d · §450 É claro.

Estrangeiro 237e · §451 Quem diz «não algo» deve necessariamente dizer absolutamente nada.

Teeteto 237e · §452 Necessariamente.

Estrangeiro 237e · §453 Não podemos sequer conceder que essa pessoa fala, mas nada diz? Precisamos declarar que quem tenta dizer «não ser» não fala de modo algum?

Teeteto 237e · §454 O argumento não poderia chegar a maior perplexidade.

Estrangeiro 238a · §455 Não te vanglories cedo demais! Resta ainda, meu amigo, a primeira e maior dificuldade: ela atinge o próprio começo do assunto.

Teeteto 238a · §456 Que queres dizer? Não hesites em falar.

Estrangeiro 238a · §457 Àquilo que é pode ser acrescentada ou atribuída alguma outra coisa que é?

Teeteto 238a · §458 É claro.

Estrangeiro 238a · §459 Mas afirmaremos que àquilo que não é pode ser atribuída alguma coisa que é?

Teeteto 238a · §460 Certamente não.

Estrangeiro 238a · §461 Admitimos que todo número está entre as coisas que são.

Teeteto 238b · §462 Sim, se há algo que possamos admitir que seja.

Estrangeiro 238b · §463 Não tentemos, portanto, atribuir ao não ser nem o número singular nem o plural.

Teeteto 238b · §464 Pelo que mostra nosso argumento, não seria correto tentá-lo.

Estrangeiro 238b · §465 Como poderia alguém pronunciar, ou sequer conceber na mente, as coisas que não são ou o não ser sem o número?

Teeteto 238b · §466 Dize-me como o número está envolvido nessas concepções.

Estrangeiro 238b · §467 Quando dizemos «coisas que não são», não lhes atribuímos 238c pluralidade?

Teeteto 238c · §468 Certamente.

Estrangeiro 238c · §469 E, ao dizer «uma coisa que não é», não lhe atribuímos igualmente o singular?

Teeteto 238c · §470 Evidentemente.

Estrangeiro 238c · §471 Entretanto, afirmamos que não é correto nem justo tentar atribuir ser ao não ser.

Teeteto 238c · §472 É bem verdade.

Estrangeiro 238c · §473 Vês, então, que é impossível pronunciar, dizer ou pensar corretamente o não ser sem atributo algum? Ele é inconcebível, inexprimível, indizível e irracional?

Teeteto 238c · §474 Absolutamente.

Estrangeiro 238d · §475 Enganei-me, então, ao dizer que a dificuldade que eu mencionaria era a maior do assunto?

Teeteto 238d · §476 Há outra ainda maior que possamos mencionar?

Estrangeiro 238d · §477 Meu caro, não percebes, pelos próprios argumentos empregados, que o não ser reduz quem pretende refutá-lo a dificuldades tais que, ao tentar refutá-lo, é obrigado a contradizer-se?

Teeteto 238d · §478 Que queres dizer? Fala mais claramente.

Estrangeiro 238d · §479 Não deves procurar maior clareza em mim. 238e Embora tenha sustentado que o não ser nada pode ter a ver com o singular ou o plural, falei dele há pouco, e continuo falando, como de um: digo «aquilo que não é». Compreendes?

Teeteto 238e · §480 Sim.

Estrangeiro 238e · §481 Ainda há pouco disse que era inexprimível, indizível e irracional. Acompanhas?

Teeteto 238e · §482 Sim, é claro.

Estrangeiro 238e · §483 Ao tentar ligar o verbo «ser» ao não ser, 239a contradisse o que havia dito antes.

Teeteto 239a · §484 Evidentemente.

Estrangeiro 239a · §485 Ao ligar-lhe esse verbo, não me referi a ele no singular?

Teeteto 239a · §486 Sim.

Estrangeiro 239a · §487 E, ao chamá-lo irracional, inexprimível e indizível, referi-me a ele como singular.

Teeteto 239a · §488 É claro.

Estrangeiro 239a · §489 Mas dizemos que, para falar corretamente, não devemos defini-lo nem como singular nem como plural, nem sequer chamá-lo «ele»: mesmo esse modo de referência lhe daria a forma do singular.

Teeteto 239a · §490 Certamente.

Estrangeiro 239b · §491 Pobre de mim! Que se poderá ainda dizer de mim? Agora, como antes, encontrarás minha derrota na refutação do não ser. Por isso, como disse, não devemos procurar em mim a maneira correta de falar do não ser. Procuremo-la, então, em ti.

Teeteto 239b · §492 Que queres dizer?

Estrangeiro 239b · §493 Vamos, peço-te: faze um esforço vigoroso, jovem como és, e tenta com todas as forças dizer algo corretamente do não ser sem lhe atribuir existência, unidade ou pluralidade.

Teeteto 239c · §494 Eu teria um entusiasmo enorme e absurdo pela tentativa se a empreendesse tendo tua experiência diante dos olhos.

Estrangeiro 239c · §495 Se quiseres, não falemos mais de ti nem de mim; mas, até encontrarmos alguém capaz disso, reconheçamos que o sofista se escondeu, com muita malícia, num lugar que não podemos explorar.

Teeteto 239c · §496 É decididamente o que parece.

Estrangeiro 239c · §497 Se dissermos que possui uma espécie de arte de produzir aparências, 239d ele se aproveitará facilmente de nossa pobreza de termos para contra-atacar e torcer nossas palavras ao sentido contrário. Quando o chamarmos produtor de imagens, perguntará o que entendemos, precisamente, por imagem. Precisamos ver, Teeteto, que resposta dar a essa pergunta do rapaz.

Teeteto 239d · §498 É evidente que diremos: imagens na água e nos espelhos, pinturas, esculturas e todas as outras coisas semelhantes.

Estrangeiro 239e · §499 Está claro, Teeteto, que nunca viste um sofista.

Teeteto 239e · §500 Por quê?

Estrangeiro 239e · §501 Ele te fará pensar que está de olhos fechados ou que nem sequer os tem.

Teeteto 239e · §502 Como assim?

Estrangeiro 239e · §503 Quando deres essa resposta, mencionando espelhos ou obras de arte, rirá de tuas palavras por lhe falares como se pudesse ver. 240a Fingirá ignorar espelhos, água e a própria visão; perguntará apenas pelo que se deduz de tuas palavras.

Teeteto 240a · §504 O que é isso?

Estrangeiro 240a · §505 Aquilo que está presente em todas essas coisas que dizes serem muitas, mas às quais julgaste adequado dar um só nome, «imagem», como se fossem uma coisa só. Fala, portanto, e defende-te; não cedas diante dele.

Teeteto 240a · §506 Estrangeiro, que diremos ser uma imagem, senão outra coisa semelhante, feita à semelhança da verdadeira?

Estrangeiro 240a · §507 Queres dizer outra coisa igualmente verdadeira? Ou 240b em que sentido disseste «semelhante»?

Teeteto 240b · §508 De modo algum verdadeira: apenas semelhante à verdadeira.

Estrangeiro 240b · §509 Por verdadeira entendes a que realmente é?

Teeteto 240b · §510 Exatamente.

Estrangeiro 240b · §511 E a não verdadeira é o contrário da verdadeira?

Teeteto 240b · §512 É claro.

Estrangeiro 240b · §513 Dizes, então, que a semelhante não existe realmente, se afirmas que não é verdadeira.

Teeteto 240b · §514 Mas existe de algum modo.

Estrangeiro 240b · §515 Não verdadeiramente, queres dizer.

Teeteto 240b · §516 Não, exceto que é realmente uma semelhança.

Estrangeiro 240b · §517 Portanto, o que chamamos semelhança, embora não exista realmente, existe realmente?

Teeteto 240c · §518 O não ser parece ter-se enredado desse modo com o ser; é muito absurdo.

Estrangeiro 240c · §519 É claro. Vês, ao menos, como o sofista de muitas cabeças nos forçou novamente, por essa troca de palavras e contra nossa vontade, a admitir que o não ser de algum modo existe.

Teeteto 240c · §520 Sim, vejo muito bem.

Estrangeiro 240c · §521 Como definiremos sua arte sem nos contradizermos?

Teeteto 240c · §522 Por que dizes isso? O que receias?

Estrangeiro 240d · §523 Quando, ao falar da aparência, dizemos que ele engana e que sua arte é uma arte de engano, diremos que nossa mente é levada por ela a uma opinião falsa? Ou que diremos?

Teeteto 240d · §524 Diremos isso. Que outra coisa poderíamos dizer?

Estrangeiro 240d · §525 Mas a opinião falsa será a que pensa o contrário da realidade, não é?

Teeteto 240d · §526 Sim.

Estrangeiro 240d · §527 Queres dizer, então, que a opinião falsa pensa coisas que não são?

Teeteto 240d · §528 Necessariamente.

Estrangeiro 240e · §529 Pensa que as coisas que não são não são, ou que as coisas que de modo algum são de algum modo são?

Teeteto 240e · §530 Deve pensar que as coisas que não são de algum modo são, se é possível pensar falsamente, mesmo um pouco.

Estrangeiro 240e · §531 E não pensa também que as coisas que certamente são de modo algum são?

Teeteto 240e · §532 Sim.

Estrangeiro 240e · §533 E isso também é falsidade?

Teeteto 240e · §534 Sim.

Estrangeiro 240e · §535 Assim, também um enunciado será considerado falso 241a se declarar que as coisas que são não são ou que as coisas que não são são.

Teeteto 241a · §536 De que outra maneira um enunciado poderia tornar-se falso?

Estrangeiro 241a · §537 Praticamente de nenhuma. Mas o sofista não concordará. Como poderia uma pessoa razoável concordar, se as expressões que acabamos de admitir foram antes declaradas inexprimíveis, indizíveis, irracionais e inconcebíveis? Entendemos o que ele quer dizer, Teeteto?

Teeteto 241a · §538 É claro: dirá que contradizemos nossas afirmações recentes, pois ousamos dizer que há falsidade nas opiniões e nas palavras. 241b Dirá que assim somos repetidamente forçados a atribuir ser ao não ser, embora há pouco tenhamos concordado que nada seria mais impossível.

Estrangeiro 241b · §539 Fazes bem em lembrar-me. Mas parece-me que já é hora de considerar o que fazer com o sofista. Vês como pode, facilmente e muitas vezes, levantar objeções e dificuldades se o procurarmos colocando-o entre os produtores de falsidades e os prestidigitadores.

Teeteto 241b · §540 É bem verdade.

Estrangeiro 241b · §541 Percorremos apenas uma pequena parte dessas dificuldades, 241c e elas são, por assim dizer, infinitas.

Teeteto 241c · §542 Nesse caso, parece impossível capturar o sofista.

Estrangeiro 241c · §543 Vamos então fraquejar e abandonar agora a luta?

Teeteto 241c · §544 Não: não devemos fazê-lo se houver algum meio de agarrá-lo, ainda que

minimamente.

Estrangeiro 241c · §545 Perdoarás, então, e, conforme sugerem tuas palavras, ficarás satisfeito se eu recuar um pouco diante desse seu argumento poderoso?

Teeteto 241c · §546 É claro.

Estrangeiro 241d · §547 Tenho outro pedido ainda mais urgente.

Teeteto 241d · §548 Qual?

Estrangeiro 241d · §549 Não suponhas que me torno uma espécie de parricida.

Teeteto 241d · §550 Que queres dizer?

Estrangeiro 241d · §551 Ao defender-me, terei de pôr à prova a teoria de meu pai Parmênides e sustentar vigorosamente que o não ser, de algum modo, é e que, por outro lado, o ser, em certo sentido, não é.

Teeteto 241d · §552 Está claro que precisamos sustentar algo assim.

Estrangeiro 241d · §553 Claro até para um cego, como se diz. Se essas afirmações 241e não forem refutadas ou aceitas, quem falar de discursos falsos ou de opinião falsa, de imagens, semelhanças, imitações, aparências e das artes relativas a elas será inevitavelmente forçado a contradizer-se e tornar-se ridículo.

Teeteto 241e · §554 É bem verdade.

Questões do capítulo 5

1. Qual proibição de Parmênides é lembrada?
    a) Não admitir que o não ser é.
    b) Não investigar qualquer ser.
    c) Não empregar perguntas em filosofia.
    d) Nunca distinguir um de muitos.

2. Por que «algo» cria uma dificuldade para o não ser absoluto?
    a) «Algo» exclui todos os números.
    b) «Algo» só designa deuses.
    c) «Algo» remete a algum ser e à unidade.
    d) «Algo» significa necessariamente uma imagem falsa.

3. Por que o número se torna problemático nesse exame?
    a) Porque só existem dois números.
    b) Porque todo número é uma opinião falsa.
    c) Falar de um ou muitos não seres lhes atribui algo que é.
    d) Porque números nunca são pensados.

4. Que dificuldade atinge quem tenta refutar o não ser?
    a) Usa ser e singularidade ao falar dele.
    b) É obrigado a falar apenas por desenhos.
    c) Deixa automaticamente de ter alma.
    d) Precisa demonstrar que toda imagem é verdadeira.

5. Por que enumerar espelhos e pinturas não basta para definir imagem?
   a) É preciso dizer o que há de comum em todos esses casos.
   b) Porque a definição deve excluir todos os exemplos.
   c) Porque só há imagens nos sonhos.
   d) Porque tais objetos não são visíveis.

6. Qual tensão aparece na imagem?
   a) Não é a coisa verdadeira, mas existe como semelhança.
   b) É necessariamente a própria coisa imitada.
   c) É sempre absolutamente inexistente.
   d) Não pode ter relação alguma com um modelo.

7. O que a opinião falsa parece fazer nessa etapa?
   a) Apenas reconhecer corretamente uma ausência.
   b) Pensar como sendo o que não é, ou como não sendo o que é.
   c) Evitar qualquer relação com o ser.
   d) Nomear uma coisa sem opinião sobre ela.

8. Como o sofista pode contestar a acusação de engano?
   a) Provando que espelhos não têm superfícies.
   b) Alegando que a falsidade exige o não ser antes declarado impossível.
   c) Admitindo todas as acusações sem discussão.
   d) Negando que existam palavras.

9. Que significa o receio de «parricídio» do Estrangeiro?
   a) Planejar violência contra Teodoro.
   b) Recusar toda relação com a escola eleática.
   c) Reexaminar criticamente a doutrina de Parmênides, seu mestre intelectual.
   d) Trocar o diálogo por uma investigação familiar.

10. Que tese ele se dispõe a sustentar?
    a) Que de algum modo o não ser é e o ser não é.
    b) Que só a proibição de discutir resolve a questão.
    c) Que ser e não ser são sempre idênticos em todo aspecto.
    d) Que qualquer frase contraditória é verdadeira.

Respostas comentadas

1. A. O verso proíbe o caminho de investigação que faz o não ser ser. Referência: 237a–b.

2. C. Dizer algo parece já indicar alguma coisa que é. Referência: 237c–d.

3. C. O argumento inicial recusa atribuir ser ao não ser e inclui o número entre os seres. Referência: 238a–c.

4. A. Chamar o não ser de «ele» ou dizer que «é indizível» parece contrariar a própria proibição. Referência: 238d–239a.

5. A. A pergunta busca uma natureza comum, não apenas uma lista de casos. Referência: 239d–240a.

6. A. A imagem combina não ser o original e ser efetivamente uma imagem. Referência: 240a–c.

7. B. Essa formulação recoloca o problema de atribuir ser ao não ser. Referência: 240d–241a.

8. B. A dificuldade ontológica funciona como defesa contra a classificação de sua arte. Referência: 241a–b.

9. C. A metáfora acompanha a necessidade de testar uma autoridade filosófica. Referência: 241d.

10. A. O «de algum modo» antecipa a distinção dos sentidos e relações examinados depois. Referência: 241d–e.

Capítulo 6

Doutrinas do ser e potência

Divisão editorial · 242a–248a

Estrangeiro 242a · §555 Precisamos, portanto, tomar coragem e atacar aqui e agora a teoria de nosso pai; se algum escrúpulo nos impedir, teremos de abandonar tudo.

Teeteto 242a · §556 Nada no mundo deve impedir-nos.

Estrangeiro 242a · §557 Tenho então um terceiro pequeno pedido.

Teeteto 242a · §558 Basta dizê-lo.

Estrangeiro 242a · §559 Há pouco disse que sempre fui tímido demais para refutar essa teoria; ainda sou.

Teeteto 242a · §560 Sim, disseste.

Estrangeiro 242a · §561 Receio que, por causa do que disse, me julgues louco por ter imediatamente 242b invertido minha posição. É por tua causa que tentarei a refutação, se conseguir realizá-la.

Teeteto 242b · §562 Certamente não julgarei impróprio que avances com a refutação e a demonstração; quanto a isso, segue com coragem.

Estrangeiro 242b · §563 Como começar bem um argumento perigoso? Ah, meu rapaz, creio que devemos necessariamente tomar este caminho.

Teeteto 242b · §564 Qual?

Estrangeiro 242b · §565 Examinar primeiro os pontos que agora parecem claros, 242c para que não tenhamos caído numa confusão a seu respeito e concordemos sem cuidado, julgando avaliar corretamente.

Teeteto 242c · §566 Explica com mais clareza.

Estrangeiro 242c · §567 Parece-me que Parmênides e todos os que procuraram definir criticamente o número e a natureza das realidades falaram conosco de modo um tanto descuidado.

Teeteto 242c · §568 Como?

Estrangeiro 242c · §569 Cada um parece contar-nos uma história, como a crianças. Um diz que há três princípios, que às vezes guerreiam entre si, outras vezes 242d se tornam amigos, casam, têm filhos e os criam. Outro diz que há dois, úmido e seco ou quente e frio, e os instala juntos

e une em casamento. [1] A escola eleática de nossa região, a partir de Xenófanes e mesmo antes, conta que todas as coisas assim chamadas são realmente uma só. Depois, certas Musas jônicas [2] e, mais tarde, sicilianas [3] refletiram [242e] que o mais seguro era combinar as duas histórias e dizer que o ser é múltiplo e uno, mantido pela inimizade e pela amizade.

Estrangeiro [242e · §570] As Musas mais vigorosas dizem que ele sempre se reúne e se separa simultaneamente; as mais brandas afrouxam o rigor da doutrina da luta perpétua: dizem que o todo é ora uno e amigo, sob a influência de Afrodite, [243a] ora múltiplo e em conflito consigo por alguma espécie de discórdia. Se algum deles disse a verdade em tudo isso ou não, seria duro e impróprio imputar aos antigos célebres um erro tão grande quanto a falsidade. Uma afirmação, porém, pode ser feita sem ofensa.

Teeteto [243a · §571] Qual?

Estrangeiro [243a · §572] Que deram pouca atenção e consideração à multidão de pessoas como nós. Cada um segue seu caminho até o fim, sem cuidar se seus argumentos nos levam consigo [243b] ou nos deixam para trás.

Teeteto [243b · §573] Que queres dizer?

Estrangeiro [243b · §574] Quando um deles diz que muitos, um ou dois são, vieram a ser ou estão vindo a ser, e fala do quente que se mistura ao frio, depois de separações e combinações, pelos deuses, Teeteto, compreendes o que querem dizer com isso? Quando jovem, eu julgava entender perfeitamente sempre que alguém empregava «não ser», que agora nos embaraça. Mas vês em que pântano de perplexidade estamos a seu respeito.

Teeteto [243c · §575] Sim, vejo.

Estrangeiro [243c · §576] Talvez nossa mente esteja na mesma condição quanto ao ser. Podemos julgar que aí navegamos facilmente e entendemos a palavra, embora tenhamos dificuldades com o não ser, quando, na realidade, compreendemos igualmente pouco de ambos.

Teeteto [243c · §577] Talvez.

Estrangeiro [243c · §578] E podemos dizer o mesmo de todos os assuntos de que falávamos.

Teeteto [243c · §579] Certamente.

Estrangeiro [243c · §580] Examinaremos a maior parte deles [243d] depois, se quiseres; agora devemos examinar seu maior e principal chefe.

Teeteto [243d · §581] Que queres dizer? É evidente: precisamos primeiro investigar «ser» e ver o que os que o empregam julgam significar.

Estrangeiro [243d · §582] Entendeste imediatamente, Teeteto. Esse me parece o melhor método: interrogá-los diretamente, como se estivessem presentes. Assim: «Vós que afirmais que o quente e o frio, ou quaisquer dois princípios semelhantes, são o universo, o que lhes atribuís [243e] quando dizeis que ambos e cada um são? O que devemos entender por esse vosso ser? É um terceiro princípio além dos outros dois, de modo que, segundo vossa doutrina, o universo seria três, e já não dois? Pois, se chamais ser a apenas um dos dois, certamente não quereis dizer que ambos são igualmente; em qualquer dos dois casos, [4] seriam um e não dois».

Teeteto [243e · §583] Verdade.

[1] Aparentemente, referência a Ferécides e aos primeiros jônios.
[2] Heráclito e seus seguidores.
[3] Empédocles e seus discípulos.
[4] Nos dois casos, isto é, quer se diga que apenas um é, quer que ambos são, ambos seriam um: o ser.

Estrangeiro 243e · §584 «Quereis, então, chamar ser aos dois em conjunto?»

Teeteto 243e · §585 Talvez.

Estrangeiro 244a · §586 «Mas, amigos», diremos, «mesmo assim estareis claramente dizendo que os dois são um».

Teeteto 244a · §587 Tens toda a razão.

Estrangeiro 244a · §588 «Já que estamos perplexos, dizei-nos claramente o que desejais designar ao dizer ser. É claro que sempre o soubestes; nós julgávamos saber, mas agora estamos em dificuldade. Informai-nos primeiro disso, para não imaginarmos compreender o que dizeis quando acontece precisamente o contrário.» 244b Falando assim e fazendo esse pedido a eles e a todos os que afirmam que o universo é mais de um, faremos algo impróprio, meu rapaz?

Teeteto 244b · §589 De modo algum.

Estrangeiro 244b · §590 E não devemos tentar aprender, tanto quanto possível, com os que afirmam que o universo é um, [5] o que querem dizer ao dizer «ser»?

Teeteto 244b · §591 É claro.

Estrangeiro 244b · §592 Que respondam, então: «Afirmais que somente um é?» Responderão: «Afirmamos», não é?

Teeteto 244b · §593 Sim.

Estrangeiro 244b · §594 «Dais a alguma coisa o nome de ser?»

Teeteto 244b · §595 Sim.

Estrangeiro 244c · §596 «É aquilo que chamais um, empregando dois nomes para a mesma coisa, ou como é?»

Teeteto 244c · §597 Qual será a próxima resposta deles, estrangeiro?

Estrangeiro 244c · §598 Está claro, Teeteto, que o defensor dessa teoria não responderá com muita facilidade nem a essa pergunta nem a qualquer outra.

Teeteto 244c · §599 Por quê?

Estrangeiro 244c · §600 É bastante ridículo afirmar que existem dois nomes quando se afirma que nada existe além da unidade.

Teeteto 244c · §601 É claro.

Estrangeiro 244c · §602 E, em geral, não faria sentido aceitar 244d que um nome tenha alguma existência.

Teeteto 244d · §603 Por quê?

Estrangeiro 244d · §604 Porque quem afirma que o nome é outro que a coisa afirma a existência de duas entidades.

Teeteto 244d · §605 Sim.

Estrangeiro 244d · §606 Se, por outro lado, afirma que o nome é a própria coisa, será obrigado a dizer que é nome de nada; ou, se diz que é nome de algo, o nome acabará sendo apenas nome de um nome, e de nada mais.

Teeteto 244d · §607 Verdade.

[5] Zenão de Eleia e sua escola.

Estrangeiro 244d · §608 E o um acabará sendo o nome do um e também o um do nome. [6]

Teeteto 244d · §609 Necessariamente.

Estrangeiro 244d · §610 Dirão que o todo é outro que o um que existe, ou o mesmo?

Teeteto 244e · §611 É claro que dirão, e dizem, que é o mesmo.

Estrangeiro 244e · §612 Se o todo é, como diz Parmênides, «por todos os lados semelhante à massa de uma esfera bem redonda, de igual peso a partir do centro; pois não deve ser maior nem menor aqui ou ali» (fragmento 8.43), então o ser, tal como ele o descreve, tem centro e extremos; tendo-os, deve necessariamente possuir partes, não é?

Teeteto 244e · §613 Certamente.

Estrangeiro 245a · §614 Nada impede, porém, que aquilo que tem partes possua a unidade como atributo em todas elas e seja, assim, um, sendo todo e inteiro.

Teeteto 245a · §615 É bem verdade.

Estrangeiro 245a · §616 Mas não é impossível que aquilo que está nessa condição seja a própria unidade absoluta?

Teeteto 245a · §617 Por quê?

Estrangeiro 245a · §618 Porque o verdadeiramente uno, segundo o raciocínio correto, deve ser afirmado como absolutamente sem partes.

Teeteto 245a · §619 Sim.

Estrangeiro 245b · §620 Uma unidade desse tipo, composta de muitas partes, não estará de acordo com a razão.

Teeteto 245b · §621 Compreendo.

Estrangeiro 245b · §622 Concordaremos então que o ser é um e todo porque possui a unidade como atributo, ou negaremos que seja um todo?

Teeteto 245b · §623 É difícil a escolha que me ofereces.

Estrangeiro 245b · §624 Sem dúvida: o ser, tendo recebido de algum modo a unidade, evidentemente não será a própria unidade, e o conjunto de tudo será mais que um.

Teeteto 245b · §625 Sim.

Estrangeiro 245b · §626 Além disso, se o ser não é um todo por 245c possuir a unidade como atributo, e o todo absoluto existe, então ao ser falta algo do ser.

Teeteto 245c · §627 Certamente.

Estrangeiro 245c · §628 Por esse raciocínio, privado de ser, o ser será não ser.

Teeteto 245c · §629 Sim.

Estrangeiro 245c · §630 E o conjunto de tudo volta a ser mais que um, pois ser e todo adquiriram cada qual sua natureza própria.

Teeteto 245c · §631 Sim.

[6] Em outras palavras, «um», considerado como palavra, será o nome da unidade; considerado como realidade, será a unidade da qual a palavra «um» é nome. A frase é um tanto difícil de compreender, sem dúvida para indicar a confusão causada pela identificação do nome com a coisa.

Estrangeiro 245c · §632 Mas, se o todo de modo algum existe, o ser cai nas dificuldades anteriores e, além de não existir, 245d nem sequer poderia jamais ter vindo a existir.

Teeteto 245d · §633 Que queres dizer?

Estrangeiro 245d · §634 O que vem a existir vem sempre a existir como um todo. Por isso, quem não inclui o todo entre as coisas que são não pode falar de existência nem de geração como ser.

Teeteto 245d · §635 Isso certamente parece verdadeiro.

Estrangeiro 245d · §636 Além disso, o que não é um todo não pode ter quantidade alguma: se tiver alguma quantidade, seja qual for, terá necessariamente essa quantidade como um todo.

Teeteto 245d · §637 Exatamente.

Estrangeiro 245d · §638 Inúmeros outros problemas, cada qual envolvendo dificuldades infinitas, 245e enfrentarão quem disser que o ser é, quer seja dois, quer apenas um.

Teeteto 245e · §639 Os problemas já visíveis deixam isso bem claro: cada um leva a outro que causa um desvio maior e mais penoso em relação ao que foi dito anteriormente.

Estrangeiro 245e · §640 Não discutimos todos os que tratam com precisão do ser e do não ser; [7] isso, porém, basta. Voltemo-nos aos que têm doutrinas menos precisas, para aprendermos por todas as vias que não é mais fácil 246a definir a natureza do ser que a do não ser.

Teeteto 246a · §641 Muito bem: avancemos também na direção desses outros.

Estrangeiro 246a · §642 Parece ocorrer entre eles uma batalha semelhante à dos deuses e dos gigantes, por causa da discordância sobre a existência.

Teeteto 246a · §643 Como?

Estrangeiro 246a · §644 Alguns [8] arrastam tudo do céu e do invisível para a terra, agarrando com as mãos rochas e árvores. Tocam em todas essas coisas e sustentam com firmeza que só existe o que pode ser tocado e manuseado: 246b definem existência e corpo, ou matéria, como idênticos. Se alguém diz que existe alguma outra coisa sem corpo, desprezam-no inteiramente e não aceitam ouvir teoria diferente da sua.

Teeteto 246b · §645 São terríveis os homens de que falas. Eu mesmo já encontrei muitos.

Estrangeiro 246b · §646 Por isso seus adversários se defendem com muita cautela, usando armas do mundo invisível superior. Sustentam vigorosamente que a verdadeira existência consiste em certas formas apenas concebidas pela mente e sem corpo. Quanto aos corpos dos oponentes e ao que estes chamam verdade, despedaçam-nos 246c em seus argumentos, chamando-os, não existência, mas uma espécie de devir combinado com movimento. Há sempre, Teeteto, uma batalha tremenda entre os dois partidos sobre essas questões.

Teeteto 246c · §647 Verdade.

Estrangeiro 246c · §648 Obtenhamos de cada partido, por sua vez, uma defesa daquilo que considera ser.

Teeteto 246c · §649 Como a obteremos?

Estrangeiro 246c · §650 É relativamente fácil obtê-la dos que dizem que o ser consiste em formas,

[7] Os filósofos jônios, os eleatas, Heráclito, Empédocles, os megáricos, Górgias, Protágoras e Antístenes discutiram o problema do ser e do não ser.

[8] Os atomistas, Leucipo, Demócrito e seus seguidores, ensinavam que nada existe além dos átomos e do vazio. Pode haver uma referência velada a Aristipo, que, como Platão, foi discípulo de Sócrates.

pois são gente pacífica. Mas dos que arrastam violentamente tudo 246d à matéria é mais difícil, talvez quase impossível. Creio, contudo, que devemos tratá-los assim.

Teeteto 246d · §651 Como?

Estrangeiro 246d · §652 Nosso primeiro dever seria torná-los realmente melhores, se fosse possível. Não sendo, finjamos que são melhores, supondo-os mais dispostos a responder segundo as regras da dialética do que são de fato. O reconhecimento feito por homens melhores tem mais validade que o feito por piores. Mas não são esses homens que nos interessam: procuramos apenas a verdade.

Teeteto 246e · §653 Muito correto.

Estrangeiro 246e · §654 Supondo que se tornaram melhores, pede-lhes que respondam, e interpreta para nós o que disserem.

Teeteto 246e · §655 Assim farei.

Estrangeiro 246e · §656 Que digam se afirmam a existência de um animal mortal.

Teeteto 246e · §657 É claro que afirmam.

Estrangeiro 246e · §658 E concordam que seja um corpo com uma alma dentro, não é?

Teeteto 246e · §659 Certamente.

Estrangeiro 246e · §660 Atribuindo à alma um lugar entre as coisas que existem?

Teeteto 247a · §661 Sim.

Estrangeiro 247a · §662 Não dizem que uma alma é justa e outra injusta, uma sábia e outra insensata?

Teeteto 247a · §663 É claro.

Estrangeiro 247a · §664 E que cada alma se torna justa pela posse e presença da justiça, e o contrário pela posse e presença do contrário?

Teeteto 247a · §665 Também concordam com isso.

Estrangeiro 247a · §666 Certamente dirão que existe aquilo que é capaz de tornar-se presente ou ausente.

Teeteto 247a · §667 Sim.

Estrangeiro 247b · §668 Admitindo a existência da justiça, da sabedoria, da virtude em geral e de seus contrários e, naturalmente, da alma em que se tornam presentes, dizem que alguma dessas coisas é visível e tangível, ou que todas são invisíveis?

Teeteto 247b · §669 Que nenhuma é visível, ou quase isso.

Estrangeiro 247b · §670 E, quanto a estas outras perguntas: dizem que alguma delas possui corpo?

Teeteto 247b · §671 Já não respondem do mesmo modo à pergunta inteira. Julgam que a própria alma tem uma espécie de corpo; mas, quanto à sabedoria e às outras qualidades de que perguntas, não têm a coragem 247c nem de reconhecer que não existem nem de afirmar que todas são corpos.

Estrangeiro 247c · §672 Está claro, Teeteto, que nossos homens melhoraram. Os autênticos filhos dos dentes do dragão [9] não hesitariam em dizer isso: sustentariam que nada existe se não

[9] Referência à história de Cadmo, que matou um dragão e semeou seus dentes, dos quais nasceram guerreiros

puderem apertá-lo com as mãos.

Teeteto 247c · §673 É mais ou menos o que acreditam.

Estrangeiro 247c · §674 Interroguemo-los mais. Se aceitarem admitir que alguma existência, por mínima que seja, é incorpórea, 247d isso basta. Terão então de dizer o que há de comum ao incorpóreo e ao corpóreo e o que têm em mente quando dizem que ambos existem. Talvez fiquem sem resposta. Nesse caso, considera se aceitariam uma sugestão nossa e concordariam que a natureza do ser é a seguinte.

Teeteto 247d · §675 Qual? Dize, e logo saberemos.

Estrangeiro 247d · §676 Proponho que tudo o que possui qualquer potência, seja para produzir uma mudança em algo de qualquer natureza, 247e seja para sofrer, mesmo minimamente e por uma só vez, a ação da causa mais insignificante, tem existência real. Estabeleço, como definição do ser, que ele não é outra coisa senão potência.

Teeteto 247e · §677 Como no momento não têm nada melhor a oferecer, aceitam isso.

Estrangeiro 247e · §678 Bem: talvez depois algo diferente ocorra a eles e a nós. Entre eles 248a e nós, admitamos que isso fica por enquanto acordado e estabelecido.

Questões do capítulo 6

1. Por onde o Estrangeiro propõe começar a nova investigação?
   a) Pelo abandono definitivo do ser.
   b) Pelos pontos que parecem claros.
   c) Pela contagem dos alunos dos sofistas.
   d) Pela aceitação de todas as autoridades sem exame.

2. Qual crítica se dirige às narrativas dos pensadores antigos?
   a) Usam sempre definições compreensíveis a todos.
   b) Nunca falam de unidade ou pluralidade.
   c) Não cuidam de verificar se os ouvintes compreendem seus termos.
   d) Concordam inteiramente sobre o número dos princípios.

3. O que se descobre sobre a compreensão do ser?
   a) Também ela pode ser tão problemática quanto a do não ser.
   b) Foi dispensada pela investigação.
   c) Depende apenas de decorar um nome.
   d) É imediatamente perfeita para qualquer falante.

4. Que pergunta desafia os defensores de dois princípios?
   a) Por que não adotam obrigatoriamente dez princípios?
   b) Qual dos dois tem a cor mais bonita?
   c) Quantas moedas custa cada princípio?
   d) O que atribuem a ambos quando dizem que são?

5. Qual dificuldade surge para quem admite apenas o um?

ferozes para acompanhá-lo. Nascidos dos dentes do dragão e da terra, seriam naturalmente terrenos, da terra.

a) Explicar a relação entre nome e coisa sem admitir multiplicidade.
b) Provar que todo número é um corpo.
c) Demonstrar que nenhum nome pode ser pronunciado em voz alta.
d) Encontrar muitas cidades com o mesmo nome.

6. Por que um todo com partes não é a unidade absoluta?

a) Porque partes são sempre imagens pintadas.
b) Porque possuir unidade exclui qualquer relação.
c) Porque todo conjunto com partes é inexistente por definição.
d) A unidade absoluta deve ser sem partes.

7. Que conflito é comparado à batalha de deuses e gigantes?

a) A disputa entre pescadores diurnos e noturnos.
b) O conflito entre jovens e seus pais por dinheiro.
c) A oposição entre gramática e música.
d) O conflito entre defensores dos corpos e defensores das formas incorpóreas.

8. Qual critério os defensores mais rígidos dos corpos adotam?

a) Toda alma é absolutamente impossível.
b) Só existe o que pode ser tocado e manuseado.
c) Tudo o que é dito é necessariamente verdadeiro.
d) Só existe o que pode ser pensado sem corpo.

9. Por que justiça e sabedoria desafiam esse critério?

a) São pedras muito pequenas para serem vistas.
b) Só podem ser discutidas por pintores.
c) São admitidas como existentes, mas não são visíveis ou tangíveis.
d) Dependem exclusivamente do tamanho do corpo.

10. Que definição provisória de ser é proposta?

a) Potência de agir ou de sofrer ação, mesmo minimamente.
b) Tudo o que agrada à maioria.
c) Apenas o que permanece fisicamente parado.
d) Somente o que pode ser comprado.

Respostas comentadas

1. B. A aparente clareza também pode esconder confusão. Referência: 242b–c.

2. C. A crítica não é uma simples acusação de falsidade, mas de insuficiente consideração pelos ouvintes. Referência: 242c–243b.

3. A. A dificuldade antes concentrada no não ser se estende ao próprio ser. Referência: 243b–c.

4. D. O ser pode aparecer como terceiro ou levar à identificação indevida dos dois. Referência: 243d–244a.

5. A. Distinguir nome e coisa parece introduzir dois; identificá-los também cria problemas. Referência: 244b–d.

6. D. Ter a unidade como atributo difere de ser a própria unidade sem partes. Referência: 244e–245b.

7. D. São posições rivais sobre o que possui existência verdadeira. Referência: 246a–c.

8. B. Eles identificam existência e corpo. Referência: 246a–b.

9. C. A discussão pressiona os materialistas a considerar algo incorpóreo. Referência: 247a–c.

10. A. A proposta procura um traço comum ao corpóreo e ao incorpóreo. Referência: 247d–e.

Capítulo 7

Movimento, repouso e dialética

Divisão editorial · 248a–254a

Teeteto 248a · §679 Está estabelecido.

Estrangeiro 248a · §680 Passemos aos outros, os amigos das formas; interpreta também suas doutrinas para nós.

Teeteto 248a · §681 Assim farei.

Estrangeiro 248a · §682 «Distinguis em vosso discurso o devir e o ser, não é?» [1]

Teeteto 248a · §683 Sim, distinguimos.

Estrangeiro 248a · §684 «E dizeis que, pelo corpo e mediante a percepção, participamos do devir; pela alma e mediante o pensamento, participamos do ser real, que é sempre imutável e o mesmo, enquanto o devir é diferente em momentos diferentes.»

Teeteto 248b · §685 Sim, é o que dizemos.

Estrangeiro 248b · §686 «Mas, excelentes homens, como definiremos essa participação que atribuís a ambos? Não é aquilo de que falávamos há pouco?»

Teeteto 248b · §687 O quê?

Estrangeiro 248b · §688 Uma condição passiva ou ativa que nasce de alguma potência resultante de uma combinação. Talvez, Teeteto, não ouças a resposta deles; eu a ouço, talvez por estar acostumado a eles.

Teeteto 248b · §689 Que dizem?

Estrangeiro 248c · §690 Não nos concedem o que acabamos de dizer aos gigantes originários a respeito do ser.

Teeteto 248c · §691 O que era?

Estrangeiro 248c · §692 Estabelecemos como definição satisfatória do ser a presença da potência de agir ou sofrer ação, ainda que minimamente.

Teeteto 248c · §693 Sim.

[1] Isto é, entre o processo de vir à existência e a própria existência. É difícil determinar exatamente quem são os idealistas cujas doutrinas se discutem aqui. Talvez Platão reformule ou corrija algumas de suas próprias crenças anteriores.

Estrangeiro 248c · §694 Respondem que o devir participa da potência de agir e sofrer ação, mas nenhuma dessas potências se liga ao ser.

Teeteto 248c · §695 Não há alguma coisa nisso?

Estrangeiro 248c · §696 Sim: algo a que precisamos responder que ainda devemos 248d aprender mais claramente se concordam que a alma conhece e o ser é conhecido.

Teeteto 248d · §697 Certamente concordam.

Estrangeiro 248d · §698 «Dizeis, então, que conhecer e ser conhecido são condições ativa e passiva, ou ambas? Uma é passiva e outra ativa? Ou nenhuma participa de nenhuma das duas?»

Teeteto 248d · §699 É claro que diriam que nenhuma participa de nenhuma; caso contrário, se contradiriam.

Estrangeiro 248d · §700 Compreendo. Isto ao menos é verdadeiro: 248e se conhecer é agir, ser conhecido deve, por sua vez, ser sofrer ação. O ser, conhecido pela inteligência segundo essa teoria, na medida em que é conhecido, move-se, pois sofre ação; e dizemos que isso não pode acontecer ao que está em repouso.

Teeteto 248e · §701 Correto.

Estrangeiro 248e · §702 Mas, pelos deuses, aceitaremos facilmente que movimento, vida, alma e inteligência não estejam realmente presentes no ser absoluto; que ele não viva nem pense, 249a mas permaneça imóvel e fixo, solene e sagrado, desprovido de inteligência?

Teeteto 249a · §703 Seria uma admissão terrível, estrangeiro.

Estrangeiro 249a · §704 Diremos que possui inteligência, mas não vida?

Teeteto 249a · §705 Como poderíamos?

Estrangeiro 249a · §706 Diremos que ambos existem nele, mas não os possui numa alma?

Teeteto 249a · §707 De que outro modo poderia possuí-los?

Estrangeiro 249a · §708 Diremos então que tem inteligência, vida e alma, mas, embora animado, é absolutamente imóvel?

Teeteto 249b · §709 Tudo isso me parece absurdo.

Estrangeiro 249b · §710 É preciso conceder que existem o movimento e o que é movido.

Teeteto 249b · §711 É claro.

Estrangeiro 249b · §712 Logo, Teeteto, sem movimento não há inteligência em ninguém, acerca de nada, em parte alguma.

Teeteto 249b · §713 Exatamente.

Estrangeiro 249b · §714 Por outro lado, se admitirmos que tudo está em fluxo e movimento, essa teoria também retirará a própria inteligência do número das coisas existentes.

Teeteto 249b · §715 Como?

Estrangeiro 249b · §716 Julgas que a identidade de qualidade, de natureza 249c ou de relações poderia existir sem o repouso?

Teeteto 249c · §717 De modo algum.

Estrangeiro 249c · §718 E sem isso consegues ver como a inteligência poderia existir ou vir a existir em qualquer lugar?

Teeteto 249c · §719 De maneira nenhuma.

Estrangeiro 249c · §720 Precisamos combater com todos os argumentos quem elimina conhecimento, razão ou inteligência e depois faz uma afirmação categórica sobre qualquer coisa.

Teeteto 249c · §721 Certamente.

Estrangeiro 249c · §722 O filósofo, que honra essas coisas acima de tudo, deverá, por causa delas, recusar a teoria dos que dizem que o universo está em repouso, seja como unidade ou em muitas formas; 249d deverá também recusar inteiramente os que dizem que o ser é movimento universal. Deverá citar a prece infantil, [2] «todas as coisas imóveis e em movimento», e dizer que o ser e o universo abrangem ambos.

Teeteto 249d · §723 É bem verdade.

Estrangeiro 249d · §724 Não parece que finalmente alcançamos uma definição bastante boa do ser?

Teeteto 249d · §725 Certamente.

Estrangeiro 249d · §726 Mas, ai de nós, Teeteto! Creio que agora descobriremos a dificuldade da investigação do ser.

Teeteto 249e · §727 O que é isso agora? Que queres dizer?

Estrangeiro 249e · §728 Meu caro, não percebes que estamos em profunda ignorância a seu respeito, mas julgamos dizer algo de valor?

Teeteto 249e · §729 Assim me parece, mas não compreendo qual foi o erro oculto em que caímos.

Estrangeiro 249e · §730 Observa mais atentamente se, admitindo isso, 250a não poderão fazer-nos, com razão, as mesmas perguntas que fizemos aos que diziam que o universo era quente e frio. [3]

Teeteto 250a · §731 Que perguntas? Lembra-me.

Estrangeiro 250a · §732 Certamente: tentarei fazê-lo interrogando-te como antes os interrogávamos. Espero que, ao mesmo tempo, avancemos um pouco.

Teeteto 250a · §733 Muito bem.

Estrangeiro 250a · §734 Dizes que movimento e repouso são diretamente opostos, não é?

Teeteto 250a · §735 É claro.

Estrangeiro 250a · §736 E, no entanto, dizes que ambos e cada um existem igualmente?

Teeteto 250b · §737 Sim.

Estrangeiro 250b · §738 Ao conceder que existem, queres dizer que ambos e cada um estão em movimento?

Teeteto 250b · §739 De modo algum.

Estrangeiro 250b · §740 Ao dizer que ambos existem, queres dizer que estão em repouso?

Teeteto 250b · §741 É claro que não.

Estrangeiro 250b · §742 Consideras, então, o ser em tua alma como outra coisa, uma terceira

[2] Nada mais parece conhecido dessa prece. Stallbaum julgava tratar-se de um jogo em que as crianças diziam: «que todas as coisas imóveis e movidas sejam movidas».

[3] Compare-se 242d, acima.

além desses dois, já que pensas que abrange repouso e movimento. Como compreendes e observas que participam da existência, disseste que são. Não é?

Teeteto 250c · §743 Ao dizer que movimento e repouso são, parece que temos realmente uma visão vaga do ser como uma terceira coisa.

Estrangeiro 250c · §744 O ser, portanto, não é movimento e repouso combinados, mas outra coisa, diferente deles.

Teeteto 250c · §745 Parece.

Estrangeiro 250c · §746 Segundo sua própria natureza, o ser não está, então, nem em repouso nem em movimento.

Teeteto 250c · §747 É aproximadamente isso.

Estrangeiro 250c · §748 Para onde resta voltar o pensamento de quem deseja estabelecer em si uma concepção clara do ser?

Teeteto 250c · §749 Para onde, de fato?

Estrangeiro 250c · §750 Não resta, creio, um caminho fácil. Se 250d uma coisa não está em movimento, deve estar em repouso; se não está em repouso, deve estar em movimento. Agora, porém, o ser apareceu fora dessas duas espécies. Isso é possível?

Teeteto 250d · §751 Não: nada seria mais impossível.

Estrangeiro 250d · §752 Há ainda algo de que devemos lembrar.

Teeteto 250d · §753 O quê?

Estrangeiro 250d · §754 Quando nos perguntaram a que se devia aplicar o nome de não ser, ficamos na maior perplexidade. Lembras?

Teeteto 250d · §755 É claro.

Estrangeiro 250d · §756 Estamos agora menos perplexos 250e quanto ao ser?

Teeteto 250e · §757 Parece-me, estrangeiro, que estamos ainda mais, se possível.

Estrangeiro 250e · §758 Registremos definitivamente esse ponto como de completa perplexidade. Mas, como ser e não ser participam igualmente dela, há enfim alguma esperança: à medida que um se revelar mais obscura ou claramente, o outro também se revelará. 251a Se não conseguirmos ver nenhum dos dois, conduziremos ao menos a discussão entre ambos, tão dignamente quanto pudermos.

Teeteto 251a · §759 Bem.

Estrangeiro 251a · §760 Expliquemos como passamos a chamar constantemente a mesma coisa por muitos nomes.

Teeteto 251a · §761 Que coisa, por exemplo? Dá um exemplo.

Estrangeiro 251a · §762 Falamos de um homem e lhe damos muitas designações adicionais: atribuímos cores, formas, tamanhos, vícios e virtudes; 251b em todos esses casos e em inúmeros outros, não dizemos apenas que é homem, mas que é bom e incontáveis outras coisas. Tratamos assim como múltipla, e chamamos por muitos nomes, cada coisa que supúnhamos una.

Teeteto 251b · §763 Verdade.

Estrangeiro 251b · §764 Desse modo, creio, oferecemos um belo banquete aos jovens e aos velhos que aprenderam tarde. Qualquer um compreende facilmente que os muitos não podem ser um

nem o um muitos. Por isso, gostam de dizer que não devemos chamar um homem bom, [251c] mas o bom, bom, e o homem, homem. Imagino, Teeteto, que encontres frequentemente pessoas que levam isso a sério; às vezes são idosos cuja pobreza de entendimento os faz admirar tais sutilezas, julgando ter descoberto uma mina de sabedoria. [4]

Teeteto [251c · §765] Certamente.

Estrangeiro [251c · §766] Para incluir em nossa discussão todos os que alguma vez falaram do ser, [251d] dirijamos os argumentos atuais tanto a esses homens quanto aos anteriores, empregando perguntas.

Teeteto [251d · §767] Quais argumentos?

Estrangeiro [251d · §768] Não atribuiremos ser ao repouso e ao movimento, nem qualquer atributo a coisa alguma, supondo em nossos discursos que não se misturam nem podem participar uns dos outros? Ou reuniremos tudo, acreditando que todas as coisas podem combinar-se entre si? Ou algumas podem e outras não? Qual dessas alternativas, [251e] Teeteto, diremos que escolhem?

Teeteto [251e · §769] Não posso responder por eles.

Estrangeiro [251e · §770] Por que não respondes separadamente a cada hipótese e vês o resultado em cada caso?

Teeteto [251e · §771] Boa sugestão.

Estrangeiro [251e · §772] Suponhamos primeiro, se quiseres, que afirmam que nada pode combinar-se com outra coisa. Movimento e repouso não participarão, então, do ser, não é?

Teeteto [252a · §773] Não.

Estrangeiro [252a · §774] Algum deles será, se não participar do ser?

Teeteto [252a · §775] Não será.

Estrangeiro [252a · §776] Vês como essa admissão derruba tudo de uma vez: a doutrina do movimento universal, a dos partidários da unidade e do repouso, e a dos que distribuem todos os seres em espécies invariáveis e eternas? Todos empregam o ser como atributo: uns dizem que o universo está em movimento; outros, que está em repouso.

Teeteto [252a · §777] Exatamente.

Estrangeiro [252b · §778] Além disso, os que ensinam que as coisas ora se combinam, ora se separam, quer elementos infinitos se reúnam no um e dele provenham, quer elementos finitos se separem e voltem a unir-se, fariam afirmações sem sentido em todas essas doutrinas se não houvesse mistura, tanto se afirmam mudanças sucessivas quanto contínuas.

Teeteto [252b · §779] Muito correto.

Estrangeiro [252b · §780] E os próprios homens que proíbem chamar uma coisa por outro nome em virtude de sua participação no efeito de outra seriam especialmente ridicularizados por essa doutrina.

Teeteto [252c · §781] Como?

[4] São satirizados os que negam a possibilidade de qualquer predicação que não seja de identidade. Assim eram Antístenes, Eutidemo e Dionisodoro. Os dois últimos são provavelmente os mencionados como velhos que aprenderam tarde.

Estrangeiro 252c · §782 Porque, ao falar de qualquer coisa, precisam empregar «ser», «separadamente», «dos demais», «por si» e inúmeras outras expressões. Não podem evitá-las nem deixar de introduzi-las no discurso. Assim, não precisam de outros que os refutem: como se diz, levam sempre consigo, em sua própria casa, o inimigo e futuro adversário, que fala de dentro deles, como o extraordinário Euricles. [5]

Teeteto 252d · §783 É uma comparação de notável exatidão.

Estrangeiro 252d · §784 E se atribuirmos a todas as coisas a capacidade de participar umas das outras?

Teeteto 252d · §785 Até eu posso resolver essa hipótese.

Estrangeiro 252d · §786 Como?

Teeteto 252d · §787 O próprio movimento estaria inteiramente em repouso, e o repouso estaria em movimento, se ambos pudessem unir-se.

Estrangeiro 252d · §788 Mas é absolutamente impossível que o movimento esteja em repouso e o repouso em movimento, não é?

Teeteto 252d · §789 É claro.

Estrangeiro 252d · §790 Resta apenas a terceira possibilidade.

Teeteto 252d · §791 Sim.

Estrangeiro 252e · §792 Uma das três deve ser verdadeira: todas as coisas se misturam entre si, nenhuma se mistura, ou algumas se misturam e outras não.

Teeteto 252e · §793 É claro.

Estrangeiro 252e · §794 As duas primeiras se mostraram impossíveis.

Teeteto 252e · §795 Sim.

Estrangeiro 252e · §796 Quem desejar responder corretamente adotará, então, a terceira possibilidade restante.

Teeteto 252e · §797 Exatamente.

Estrangeiro 252e · §798 Como algumas coisas se misturam e outras não, 253a estão em condição semelhante à das letras do alfabeto: algumas não se ajustam umas às outras, outras sim.

Teeteto 253a · §799 É claro.

Estrangeiro 253a · §800 As vogais, mais que as demais, atravessam todas como um vínculo: sem uma vogal, as outras letras não podem ligar-se umas às outras.

Teeteto 253a · §801 Certamente.

Estrangeiro 253a · §802 Todos sabem quais letras se combinam? Ou quem as combina corretamente precisa de uma arte?

Teeteto 253a · §803 Precisa de uma arte.

Estrangeiro 253a · §804 Qual?

Teeteto 253a · §805 A gramática.

Estrangeiro 253a · §806 O mesmo não vale para os sons agudos e 253b graves? Quem possui a arte de saber quais sons se misturam e quais não é músico; quem não sabe é alheio à música?

[5] Euricles foi um ventríloquo e adivinho do século V; compare-se Aristófanes, As vespas 1019.

Teeteto 253b · §807 Sim.

Estrangeiro 253b · §808 Encontraremos condições semelhantes nas demais artes e nas atividades desprovidas de arte?

Teeteto 253b · §809 É claro.

Estrangeiro 253b · §810 Tendo concordado que os gêneros também se misturam ou não se misturam desse modo, quem pretende mostrar corretamente quais harmonizam entre si e quais se rejeitam não deve possuir uma ciência e proceder pelo raciocínio? 253c E não precisará dela para mostrar se há elementos que atravessam todos e os mantêm unidos, permitindo a mistura, e se, quando se separam, há outras causas universais de separação?

Teeteto 253c · §811 Certamente precisa de uma ciência, talvez a maior de todas.

Estrangeiro 253c · §812 Que nome lhe daremos, Teeteto? Ou, por Zeus, tropeçamos sem perceber na ciência dos homens livres e encontramos o filósofo enquanto procurávamos o sofista?

Teeteto 253c · §813 Que queres dizer?

Estrangeiro 253d · §814 Não diremos que dividir segundo os gêneros, sem tomar o mesmo gênero por outro nem outro pelo mesmo, pertence à ciência dialética?

Teeteto 253d · §815 Sim.

Estrangeiro 253d · §816 Quem é capaz disso percebe claramente uma forma que se estende inteiramente por muitos indivíduos separados; muitas formas diferentes entre si, abrangidas por uma forma maior; uma forma constituída pela união de muitos todos; 253e e muitas formas inteiramente distintas e separadas. É o conhecimento e a capacidade de distinguir, segundo os gêneros, como cada coisa pode ou não associar-se às outras.

Teeteto 253e · §817 Certamente.

Estrangeiro 253e · §818 Mas não concederás, suponho, a arte dialética a ninguém que não busque a filosofia com pureza e justiça.

Teeteto 253e · §819 Como concedê-la a outro?

Estrangeiro 253e · §820 É numa região assim que sempre encontraremos o filósofo, agora e depois, se o procurarmos. 254a Também ele é difícil de ver claramente, mas sua dificuldade não é a mesma que a do sofista.

Questões do capítulo 7

1. Como os amigos das formas distinguem devir e ser?
    a) O pensamento não se relaciona com nenhum deles.
    b) O corpo participa do devir pela percepção; a alma, do ser pelo pensamento.
    c) Ambos são apenas conjuntos de corpos visíveis.
    d) O devir é imutável e o ser muda sempre.

2. Que questão sobre conhecer desafia essa posição?
    a) Se todo conhecimento é um pagamento.
    b) Se aprender é uma forma de pesca literal.
    c) Se palavras não possuem qualquer som.
    d) Se conhecer é agir e ser conhecido é sofrer ação.

3. Por que o Estrangeiro recusa um ser inteiramente sem movimento?
   a) Isso eliminaria apenas as artes manuais.
   b) Isso tornaria impossível a existência de corpos grandes.
   c) Isso provaria que todas as coisas são falsas.
   d) Isso excluiria vida, alma e inteligência.

4. Por que também recusa que tudo seja fluxo?
   a) A inteligência exige identidade e alguma estabilidade.
   b) Porque nenhum movimento pode existir.
   c) Porque só existem coisas produzidas pelo homem.
   d) Porque o fluxo é sempre uma falsidade verbal.

5. Que relação existe entre ser, repouso e movimento?
   a) Repouso e movimento são idênticos por existirem.
   b) Ser é apenas outro nome do movimento.
   c) Ambos participam do ser, que difere dos dois.
   d) Ser é apenas outro nome do repouso.

6. Que dificuldade aparece ao atribuir muitos nomes à mesma coisa?
   a) Explicar como algo uno pode receber muitos predicados.
   b) Demonstrar que todo nome é uma cor.
   c) Proibir qualquer referência a homens.
   d) Escolher uma só palavra para toda a linguagem.

7. Por que a hipótese de que nada se mistura fracassa?
   a) Permitiria toda predicação sem restrições.
   b) Provaria que todos os gêneros são iguais.
   c) Aumentaria excessivamente o número de vogais.
   d) Impediria até dizer que movimento e repouso são.

8. Por que a hipótese de mistura universal fracassa?
   a) Porque apenas seres humanos podem misturar-se.
   b) Porque impediria qualquer combinação de nomes.
   c) Porque demonstraria que nenhum gênero existe.
   d) Faria o movimento estar em repouso e o repouso em movimento.

9. O que ensinam os exemplos das letras e dos sons?
   a) Qualquer sequência de letras é igualmente correta.
   b) A música elimina a necessidade de conhecimento.
   c) Reconhecer combinações adequadas exige uma arte.
   d) Só as vogais podem ser pronunciadas.

10. Que tarefa caracteriza a dialética?
    a) Distinguir gêneros e suas possibilidades de associação.
    b) Ganhar todas as disputas independentemente da verdade.
    c) Reduzir todas as formas à mesma coisa.
    d) Evitar toda divisão ou definição.

Respostas comentadas

1. B. A posição distingue o mutável do real sempre igual a si. Referência: 248a.

2. D. A dificuldade é compatibilizar conhecimento e imobilidade absoluta do ser conhecido. Referência: 248c–e.

3. D. O diálogo não aceita um ser sagrado e imóvel, mas desprovido de pensamento. Referência: 248e–249b.

4. A. Sem permanência de qualidade e relações, a inteligência também é eliminada. Referência: 249b–c.

5. C. A existência comum não implica identidade entre os gêneros. Referência: 250a–c.

6. A. O exemplo do homem bom inicia o problema da predicação. Referência: 251a–c.

7. D. Sem participação no ser, os próprios termos dessas doutrinas não poderiam ser afirmados como existentes. Referência: 251e–252a.

8. D. A mistura não é irrestrita: há incompatibilidades. Referência: 252d.

9. C. Gramática e música oferecem modelos de saber quais elementos combinam. Referência: 252e–253b.

10. A. O dialético não toma o mesmo por outro e reconhece unidades e diferenças. Referência: 253c–e.

Capítulo 8

Os cinco gêneros e a diferença

Divisão editorial · 254a–259e

Teeteto 254a · §821 Como diferem?

Estrangeiro 254a · §822 O sofista foge para a obscuridade do não ser e nela se orienta pela prática; [1] é difícil discerni-lo pela escuridão do lugar. Não achas?

Teeteto 254a · §823 Parece provável.

Estrangeiro 254a · §824 O filósofo, sempre dedicado pela razão à forma do ser, também é muito difícil de ver, pela luz brilhante do lugar: os olhos 254b da alma da multidão não são fortes o bastante para suportar a visão do divino.

Teeteto 254b · §825 Isso parece tão verdadeiro quanto o que disseste do sofista.

Estrangeiro 254b · §826 Investigaremos mais precisamente o filósofo depois, se ainda o desejarmos. Quanto ao sofista, está claro que não devemos relaxar antes de obter uma visão satisfatória dele.

Teeteto 254b · §827 Tens razão.

Estrangeiro 254b · §828 Concordamos que alguns gêneros se misturam, outros não; alguns se misturam com poucos, outros com muitos; e 254c nada impede que alguns se misturem universalmente com todos. Prossigamos, então, investigando não todas as formas, para não nos confundirmos em tamanha quantidade, mas apenas algumas, escolhidas entre as mais importantes. Consideremos primeiro suas naturezas, depois sua potência de misturar-se entre si. Assim, se não apreendermos ser e não ser com perfeita clareza, ao menos os examinaremos plenamente até onde permite o método atual. Vejamos desse modo se, afinal, 254d podemos dizer que o não ser realmente é, embora não seja, e sair ilesos.

Teeteto 254d · §829 Sim: é o procedimento adequado.

Estrangeiro 254d · §830 Os gêneros mais importantes são certamente os já mencionados: o próprio ser, o repouso e o movimento.

Teeteto 254d · §831 Sim, de longe.

Estrangeiro 254d · §832 Dizemos ainda que dois deles não podem misturar-se entre si.

Teeteto 254d · §833 Decididamente não.

Estrangeiro 254d · §834 Mas o ser pode misturar-se com ambos, pois ambos são.

[1] Pela prática: pelo conhecimento empírico, em oposição à razão.

Teeteto 254d · §835 É claro.

Estrangeiro 254d · §836 Temos, portanto, três.

Teeteto 254d · §837 Certamente.

Estrangeiro 254d · §838 Cada um é outro que os dois restantes, mas o mesmo que si próprio.

Teeteto 254e · §839 Sim.

Estrangeiro 254e · §840 Que entendemos por essas palavras que acabamos de empregar, «mesmo» e «outro»? São dois novos gêneros, diferentes dos três, mas necessariamente sempre misturados a eles, de modo que devemos investigar supondo cinco gêneros, não três? Ou, sem perceber, falamos de um dos três 255a ao dizer «mesmo» ou «outro»?

Teeteto 255a · §841 Talvez.

Estrangeiro 255a · §842 Certamente, porém, movimento e repouso não são nem o outro nem o mesmo.

Teeteto 255a · §843 Como?

Estrangeiro 255a · §844 O termo que aplicamos em comum ao repouso e ao movimento não pode ser nenhum desses dois.

Teeteto 255a · §845 Por quê?

Estrangeiro 255a · §846 Porque o movimento estaria em repouso e o repouso em movimento: qualquer dos dois que se tornasse o outro obrigaria o outro a mudar sua natureza para a do contrário, pois 255b participaria do contrário.

Teeteto 255b · §847 Exatamente.

Estrangeiro 255b · §848 Ambos participam certamente do mesmo e do outro. [2]

Teeteto 255b · §849 Sim.

Estrangeiro 255b · §850 Portanto, não devemos dizer que movimento ou repouso sejam o mesmo ou o outro.

Teeteto 255b · §851 Não.

Estrangeiro 255b · §852 Mas deveríamos conceber o ser e o mesmo como um só?

Teeteto 255b · §853 Talvez.

Estrangeiro 255b · §854 Se ser e mesmo não diferirem em significado, quando dissermos que repouso e movimento são, diremos que ambos são o mesmo, 255c já que são.

Teeteto 255c · §855 Isso é certamente impossível.

Estrangeiro 255c · §856 É impossível, portanto, que ser e mesmo sejam um só.

Teeteto 255c · §857 Ao que parece.

Estrangeiro 255c · §858 Consideraremos então o mesmo um quarto gênero, além dos três?

Teeteto 255c · §859 Certamente.

Estrangeiro 255c · §860 Chamaremos o outro um quinto gênero? Ou devemos concebê-lo, junto com o ser, como dois nomes de um só gênero?

Teeteto 255c · §861 Pode ser.

[2] Isto é, identidade e diferença podem ser predicadas de ambos.

Estrangeiro 255c · §862 Admites, creio, que entre os seres alguns são sempre concebidos em si mesmos, outros em relação.

Teeteto 255c · §863 É claro.

Estrangeiro 255d · §864 E o outro é sempre relativo a outro, não é?

Teeteto 255d · §865 Sim.

Estrangeiro 255d · §866 Não seria assim se ser e outro não fossem inteiramente diferentes. Se o outro, como o ser, participasse tanto da existência em si quanto da relativa, haveria entre os outros algo outro sem relação a qualquer outro. De fato, porém, tudo o que é outro é o que é necessariamente em relação a outro.

Teeteto 255d · §867 Os fatos são como dizes.

Estrangeiro 255d · §868 Devemos, então, colocar a natureza do outro como quinta 255e entre os gêneros escolhidos para nossos exemplos.

Teeteto 255e · §869 Sim.

Estrangeiro 255e · §870 Diremos que ela atravessa todos: cada um é outro que os demais, não por sua própria natureza, mas por participar da forma do outro.

Teeteto 255e · §871 Exatamente.

Estrangeiro 255e · §872 Formulemos agora as conclusões, tomando um por um os cinco gêneros.

Teeteto 255e · §873 Como?

Estrangeiro 255e · §874 Primeiro o movimento: dizemos que é inteiramente outro que o repouso, não é?

Teeteto 255e · §875 Sim.

Estrangeiro 255e · §876 Portanto, não é repouso.

Teeteto 255e · §877 De modo algum.

Estrangeiro 256a · §878 Mas existe, por participar do ser.

Teeteto 256a · §879 Sim, existe.

Estrangeiro 256a · §880 O movimento é também outro que o mesmo.

Teeteto 256a · §881 É isso.

Estrangeiro 256a · §882 Portanto, não é o mesmo.

Teeteto 256a · §883 Não.

Estrangeiro 256a · §884 Entretanto, verificamos que era o mesmo, pois tudo participa do mesmo.

Teeteto 256a · §885 Certamente.

Estrangeiro 256a · §886 Precisamos admitir que o movimento é o mesmo e não é o mesmo, sem nos perturbarmos com isso: não empregamos essas palavras da mesma maneira. Ao chamá-lo o mesmo, fazemos isso porque participa 256b do mesmo em relação a si; ao chamá-lo não o mesmo, fazemos isso por participar do outro, pelo qual se separa do mesmo e se torna, não aquele, mas outro. Assim, é correto dizer, por sua vez, que não é o mesmo.

Teeteto 256b · §887 Sim, certamente.

Estrangeiro 256b · §888 Portanto, mesmo que o movimento em si participasse de algum modo do repouso, não seria absurdo dizer que estava em repouso?

Teeteto 256b · §889 Seria inteiramente correto, se admitimos que alguns gêneros se misturam entre si e outros não.

Estrangeiro 256c · §890 Demonstramos isso antes das questões atuais: provamos que é conforme a natureza. [3]

Teeteto 256c · §891 Sim, é claro.

Estrangeiro 256c · §892 Recapitulemos: o movimento é outro que o outro, como verificamos que era outro que o mesmo e o repouso. É verdade?

Teeteto 256c · §893 Inevitavelmente.

Estrangeiro 256c · §894 Segundo nosso raciocínio atual, em certo sentido não é outro, e também é outro.

Teeteto 256c · §895 Verdade.

Estrangeiro 256c · §896 E o ponto seguinte? Diremos que o movimento é outro que os três, mas não outro que o quarto, se concordamos que os gêneros 256d sobre os quais e nos quais empreendemos a investigação são cinco?

Teeteto 256d · §897 Como dizer isso? Não podemos admitir um número menor que o demonstrado há pouco.

Estrangeiro 256d · §898 Podemos, então, sustentar sem medo que o movimento é outro que o ser?

Teeteto 256d · §899 Sim, sem medo algum.

Estrangeiro 256d · §900 Está claro, portanto, que o movimento realmente não é e também é, pois participa do ser?

Teeteto 256d · §901 Perfeitamente claro.

Estrangeiro 256d · §902 Quanto ao movimento, portanto, o não ser é: isso é inevitável. Vale para todos os gêneros, pois em todos 256e a natureza do outro torna cada um outro que o ser e, portanto, não ser. Desse ponto de vista, podemos dizer corretamente de todos que não são; e, por participarem do ser, que são e possuem ser.

Teeteto 256e · §903 Sim, suponho.

Estrangeiro 256e · §904 Assim, em relação a cada gênero, o ser é múltiplo e o não ser é infinito em número. [4]

Teeteto 256e · §905 Assim parece.

Estrangeiro 257a · §906 Também do próprio ser se deve dizer que é outro que todas as demais coisas.

Teeteto 257a · §907 Sim.

[3] Veja-se Platão, Teeteto 251e e seguintes. [Nota desta edição: a referência está assim na transcrição; 251e pertence ao Sofista.]

[4] O ser é múltiplo, pois cada coisa de todos os gêneros é; o não ser é infinito, porque não apenas é verdadeiro que cada coisa em cada gênero não é, mas o não ser se estende também a todas as concepções que não têm nem podem ter realidade.

Estrangeiro 257a · §908 Concluímos que, seja qual for o número das outras coisas, esse é o número daquelas em relação às quais o ser não é. Não sendo essas coisas, ele próprio é um; e, por sua vez, aquelas outras coisas não são ilimitadas em número.

Teeteto 257a · §909 Isso não está longe da verdade.

Estrangeiro 257a · §910 Não devemos perturbar-nos com isso, pois os gêneros participam uns dos outros por natureza. Se alguém recusar nossos resultados, que enfrente os argumentos anteriores e depois examine o passo seguinte. [5]

Teeteto 257a · §911 É muito justo.

Estrangeiro 257b · §912 Consideremos então este ponto.

Teeteto 257b · §913 Qual?

Estrangeiro 257b · §914 Quando dizemos «não ser», falamos, penso, não de algo contrário ao ser, mas apenas de algo diferente.

Teeteto 257b · §915 Que queres dizer?

Estrangeiro 257b · §916 Ao chamar uma coisa «não grande», por exemplo, parece-te que significamos com isso o pequeno mais que o de tamanho médio?

Teeteto 257b · §917 Não, é claro.

Estrangeiro 257b · §918 Quando nos disserem que a negação significa o contrário, não admitiremos isso. Admitiremos apenas que a partícula «não» [6] indica algo diferente 257c das palavras a que se antepõe, ou antes, das coisas designadas pelas palavras que seguem a negação.

Teeteto 257c · §919 Certamente.

Estrangeiro 257c · §920 Consideremos outro ponto e vê se concordas.

Teeteto 257c · §921 Qual?

Estrangeiro 257c · §922 Parece-me que a natureza do outro está toda dividida em pequenas partes, como o conhecimento.

Teeteto 257c · §923 Que queres dizer?

Estrangeiro 257c · §924 O conhecimento, como o outro, é uno; mas cada parte aplicada a um assunto particular 257d possui nome próprio. Daí as muitas artes assim chamadas e as espécies de conhecimento, ou ciências.

Teeteto 257d · §925 Sim, certamente.

Estrangeiro 257d · §926 O mesmo ocorre, por natureza, com as partes do outro, embora também constitua uma só noção.

Teeteto 257d · §927 Talvez; discutamos para ver como acontece.

Estrangeiro 257d · §928 Há uma parte do outro que se opõe ao belo?

Teeteto 257d · §929 Há.

Estrangeiro 257d · §930 Diremos que não tem nome ou que tem?

Teeteto 257d · §931 Que tem: aquilo que em cada caso chamamos não belo é certamente outro que a natureza do belo, e não que outra coisa.

[5] Isto é, se ele não aceitar nossa demonstração de que o ser não é, deverá refutar nossos argumentos sobre a participação das formas umas nas outras e depois extrair sua conclusão.

[6] As duas partículas gregas ou e mē.

Estrangeiro 257d · §932 Dize-me ainda isto.

Teeteto 257e · §933 O quê?

Estrangeiro 257e · §934 Não resulta que o não belo é uma parte distinta de algum gênero de ser e, por sua vez, se opõe a um gênero de ser?

Teeteto 257e · §935 Sim.

Estrangeiro 257e · §936 Parece, então, que o não belo é uma oposição de ser a ser.

Teeteto 257e · §937 Muito correto.

Estrangeiro 257e · §938 Poderemos dizer, nesse caso, que o belo participa mais do ser e o não belo menos?

Teeteto 257e · §939 De modo algum.

Estrangeiro 258a · §940 Portanto, deve-se dizer que o não grande é tão verdadeiramente quanto o grande?

Teeteto 258a · §941 Tão verdadeiramente.

Estrangeiro 258a · §942 Devemos reconhecer a mesma relação entre o justo e o não justo, pois nenhum tem mais ser que o outro?

Teeteto 258a · §943 É claro.

Estrangeiro 258a · §944 Diremos o mesmo das outras coisas: demonstrou-se que a natureza do outro possui ser real; se tem ser, devemos atribuí-lo igualmente às suas partes.

Teeteto 258a · §945 É claro.

Estrangeiro 258b · §946 Ao que parece, a oposição entre a natureza de uma parte do outro e a natureza do ser, quando se opõem, não é menos verdadeiramente existência que o próprio ser, se é lícito dizê-lo: significa apenas o outro do ser, e não seu contrário.

Teeteto 258b · §947 Está perfeitamente claro.

Estrangeiro 258b · §948 Como chamaremos isso?

Teeteto 258b · §949 Evidentemente, é precisamente o não ser que procurávamos por causa do sofista.

Estrangeiro 258b · §950 Ele é, como dizias, tão plenamente dotado de ser quanto qualquer outra coisa? Diremos daqui em diante com confiança que o não ser tem existência assegurada e natureza própria? 258c Assim como verificamos que o grande era grande, o belo belo, o não grande não grande e o não belo não belo, diremos que o não ser era e é não ser, contado como um gênero entre os muitos gêneros do ser? Ou resta, Teeteto, alguma desconfiança?

Teeteto 258c · §951 Nenhuma.

Estrangeiro 258c · §952 Percebes que, desconfiando de Parmênides, ultrapassamos o limite de sua proibição?

Teeteto 258c · §953 Que queres dizer?

Estrangeiro 258c · §954 Avançamos na investigação e lhe mostramos mais do que ele nos proibira examinar.

Teeteto 258c · §955 Como?

Estrangeiro 258d · §956 Ele diz em algum lugar: «Nunca prevaleça este pensamento: que o não ser é; afasta tua mente desse caminho de investigação» (Parmênides, fragmento 7.1).

Teeteto 258d · §957 Sim, é o que diz.

Estrangeiro 258d · §958 Nós não apenas indicamos que existem coisas que não são: mostramos também qual é a forma ou o gênero do não ser. Indicamos que a natureza do outro existe e se distribui em pequenas partes 258e por todos os seres em suas relações mútuas; e ousamos dizer que cada parte do outro contraposta ao ser é realmente e precisamente não ser.

Teeteto 258e · §959 Certamente, estrangeiro, creio que o que dissemos é perfeitamente verdadeiro.

Estrangeiro 258e · §960 Que ninguém afirme, então, que declaramos o não ser contrário do ser e por isso ousamos dizer que existe. Há muito deixamos de falar de um contrário do ser, exista ou não, seja definível 259a ou inteiramente indefinível. Quanto à nossa definição atual do não ser, é preciso refutar-nos e mostrar nosso erro; enquanto isso não for possível, será preciso dizer, como nós, que os gêneros se misturam; que ser e outro atravessam tudo, inclusive um ao outro; e que o outro, por participar do ser, é em virtude dessa participação, mas não é aquilo de que participa, e sim outro. Sendo outro que o ser, é necessariamente não ser. 259b O ser, por sua vez, participa do outro e é diferente dos demais gêneros. Sendo outro que todos, não é cada um deles nem todos os restantes, mas apenas ele mesmo. Não há dúvida, portanto, de que há milhares e milhares de coisas que o ser não é; igualmente, as demais coisas, separadas ou em conjunto, sob muitas relações são e sob muitas não são.

Teeteto 259b · §961 Verdade.

Estrangeiro 259b · §962 Quem duvidar dessas oposições deve investigar e apresentar doutrinas melhores 259c que as nossas. Se alguém se diverte arrastando palavras e aplicando-as ora a umas coisas, ora a outras, julgando ter inventado algo difícil de explicar, nosso argumento afirma que levou a sério assuntos indignos de atenção séria. Esse procedimento não é hábil nem difícil; há, porém, algo difícil e belo.

Teeteto 259c · §963 O quê?

Estrangeiro 259c · §964 Aquilo de que falei antes: deixar de lado essas sutilezas sem valor e acompanhar e refutar em detalhe os argumentos de quem diz que o outro é, em certo sentido, o mesmo, ou que o mesmo é outro, 259d considerando o ponto de vista e as relações que pressupõe em cada caso. Mostrar, de qualquer maneira, que o mesmo é outro, o outro é o mesmo, o grande pequeno e o semelhante dessemelhante, e divertir-se apresentando sempre contrários no argumento não é verdadeira refutação: é manifestamente o rebento recém-nascido de uma mente que mal começou a apreender o problema das realidades.

Teeteto 259d · §965 Exatamente.

Estrangeiro 259d · §966 Certamente, meu amigo, tentar separar tudo de tudo não é apenas de mau gosto: 259e mostra também completa falta de cultura e de filosofia.

Teeteto 259e · §967 Por quê?

Estrangeiro 259e · §968 A separação completa de cada coisa de todas as demais é a destruição definitiva de todo discurso. Nossa capacidade de discurso deriva do entrelaçamento dos gêneros ou formas entre si. [7]

[7] A negação de todas as relações entre as formas leva a resultados puramente negativos. Exemplos são a antítese exclusiva entre ser e não ser e a exclusão mútua entre repouso e movimento. A dificuldade se resolve quando re-

Teeteto 259e · §969 Verdade.

Questões do capítulo 8

1. Por que o filósofo é difícil de ver na comparação do texto?
   a) Porque só existe em imagens pintadas.
   b) Porque se esconde deliberadamente na falsidade.
   c) Porque nunca usa a razão.
   d) Pela luz intensa do ser, que a visão de muitos não suporta.

2. Quais são os cinco gêneros investigados?
   a) Ser, repouso, movimento, mesmo e outro.
   b) Caça, luta, troca, banho e medicina.
   c) Nome, verbo, som, letra e frase.
   d) Terra, água, fogo, ar e metal.

3. Por que o mesmo não se identifica com o ser?
   a) Porque o ser nunca pode receber predicados.
   b) Porque nada participa do mesmo.
   c) Porque o mesmo só existe nos corpos.
   d) Isso tornaria movimento e repouso o mesmo só por ambos serem.

4. Que traço caracteriza o outro?
   a) É sempre outro em relação a outro.
   b) Existe apenas em si, sem relação.
   c) É necessariamente o contrário absoluto.
   d) Só pode ser dito de objetos imaginários.

5. Como o movimento pode ser o mesmo e não o mesmo?
   a) É contraditório sob exatamente a mesma relação.
   b) Deixa de existir a cada afirmação.
   c) É o mesmo que si, mas diferente do gênero do mesmo.
   d) É idêntico ao repouso em todos os aspectos.

6. Em que sentido o movimento não é, embora exista?
   a) É só um nome sem qualquer realidade.
   b) É absolutamente nada e não participa de coisa alguma.
   c) Não é o ser, pois é outro que ele, mas participa do ser.
   d) Existe apenas se for idêntico ao repouso.

7. O que significa a negação em «não grande»?
   a) Necessariamente apenas o menor tamanho possível.
   b) Diferença em relação ao grande, podendo incluir o médio.
   c) Uma contradição em toda circunstância.

conhecemos que positivo e negativo estão necessariamente entrelaçados na natureza das coisas: o negativo tem existência apenas relativa e não é o contrário do positivo, mas apenas diferente dele.

d) A inexistência absoluta do objeto.

8. Como o não belo é considerado no argumento?

a) Como ser contraposto a ser, não como puro nada.
b) Como o próprio belo sob a mesma relação.
c) Como menos existente que todo belo.
d) Como palavra sem qualquer aplicação.

9. Como o não ser é finalmente caracterizado nessa etapa?

a) Pelo repouso exclusivo de todas as coisas.
b) Pela destruição de todos os gêneros.
c) Pelo contrário absoluto do ser, sem qualquer participação.
d) Pela parte do outro contraposta ao ser.

10. Por que separar tudo de tudo destruiria o discurso?

a) Porque toda palavra teria de ser escrita em pedra.
b) Porque só existe discurso quando tudo é idêntico.
c) O discurso depende do entrelaçamento dos gêneros.
d) Porque nenhum nome pode relacionar-se com um verbo por definição.

Respostas comentadas

1. D. A dificuldade do filósofo contrasta com a escuridão em que se refugia o sofista. Referência: 254a–b.

2. A. O mesmo e o outro são distinguidos dos três primeiros. Referência: 254d–255e.

3. D. Compartilhar existência não torna os participantes idênticos. Referência: 255b–c.

4. A. Seu caráter relacional ajuda a distingui-lo do ser. Referência: 255c–d.

5. C. As expressões são empregadas em relações diferentes. Referência: 256a–b.

6. C. Diferença de um gênero não significa ausência absoluta de existência. Referência: 256d–e.

7. B. O exemplo distingue diferença e contrariedade. Referência: 257b–c.

8. A. A natureza do outro e suas partes possuem ser. Referência: 257d–258a.

9. D. A solução não restaura o não ser absoluto antes problematizado. Referência: 258b–259a.

10. C. A possibilidade de relações e combinações sustenta o dizer. Referência: 259d–e.

Capítulo 9

Discurso, pensamento e falsidade

Divisão editorial · 260a–265a

Estrangeiro 260a · §970 Observa que acabamos de obter, em boa hora, a vitória sobre os partidários dessa doutrina, obrigando-os a admitir que uma coisa se mistura com outra.

Teeteto 260a · §971 Qual era nosso objetivo?

Estrangeiro 260a · §972 Estabelecer o discurso como um dos gêneros do ser. Privados dele, perderíamos a filosofia, o que seria a maior calamidade. Além disso, precisamos agora concordar sobre a natureza do discurso. Se nos fosse retirado por sua absoluta inexistência, já não poderíamos discorrer; e o perderíamos 260b se concordássemos que nada se mistura com nada.

Teeteto 260b · §973 É verdade; mas não compreendo por que precisamos chegar agora a um acordo sobre o discurso.

Estrangeiro 260b · §974 Talvez compreendas mais facilmente seguindo este argumento.

Teeteto 260b · §975 Qual?

Estrangeiro 260b · §976 Descobrimos que o não ser era um dos gêneros do ser, atravessando todo o ser.

Teeteto 260b · §977 Sim.

Estrangeiro 260b · §978 Precisamos em seguida investigar se ele se mistura com a opinião e o discurso.

Teeteto 260b · §979 Por quê?

Estrangeiro 260b · §980 Se não se mistura, a consequência necessária 260c é que tudo seja verdadeiro. Se se mistura, surgem a opinião falsa e o discurso falso: pensar ou dizer o que não é constitui, suponho, a falsidade na mente ou nas palavras.

Teeteto 260c · §981 Assim é.

Estrangeiro 260c · §982 Se há falsidade, há engano.

Teeteto 260c · §983 Sim.

Estrangeiro 260c · §984 Se há engano, tudo estará daqui em diante cheio de imagens, semelhanças e aparências.

Teeteto 260c · §985 É claro.

Estrangeiro 260c · §986 Dissemos que o sofista 260d se refugiara nessa região e negara absoluta-

mente a existência da falsidade. Dizia que o não ser não podia ser concebido nem pronunciado, pois não participava de modo algum do ser.

Teeteto 260d · §987 Sim, assim foi.

Estrangeiro 260d · §988 Agora, porém, descobrimos que o não ser participa do ser. Talvez ele já não insista nessa direção; mas poderia dizer que certas formas participam do não ser e outras não, e que discurso e opinião estão entre as que não participam. Voltaria, portanto, a sustentar que a arte de produzir imagens e aparências, 260e na qual o colocamos, absolutamente não existe, pois opinião e discurso não participam do não ser: sem tal participação, a falsidade não pode existir.

Estrangeiro 260e · §989 Por isso, devemos primeiro investigar a natureza do discurso, da opinião e da aparência, [1] para, esclarecidas, percebermos sua participação no não ser. 261a Percebendo-a, poderemos demonstrar a existência da falsidade e, demonstrada, prender nela o sofista, se essa acusação puder detê-lo. Se não puder, nós o libertaremos e o procuraremos em outro gênero.

Teeteto 261a · §990 Parece realmente verdadeiro, estrangeiro, o que disseste no início: o sofista é uma criatura difícil de capturar. Parece ter defesas intermináveis; [2] quando ergue uma, o adversário precisa primeiro atravessá-la combatendo para alcançar o próprio homem. Mal atravessamos 261b a inexistência do ser, sua primeira linha defensiva preparada, e encontramos outra pronta: precisamos provar que há falsidade na opinião e no discurso. Depois talvez venha outra, e outra ainda; parece que nunca haverá fim.

Estrangeiro 261b · §991 Ninguém deve desanimar, Teeteto, quando consegue progredir continuamente, mesmo devagar. Se alguém desanima assim, que faria em outras condições, sem avançar ou até recuando? Como se diz, 261c demoraria muito para tomar uma cidade. Agora, meu amigo, como atravessamos a linha que mencionas, as defesas principais já devem estar em nossas mãos; as restantes serão menores e mais fáceis de conquistar.

Teeteto 261c · §992 Bem.

Estrangeiro 261c · §993 Retomemos primeiro discurso e opinião, como disse, para entender mais claramente se o não ser os atinge ou se ambos são inteiramente verdadeiros e nunca falsos.

Teeteto 261c · §994 Muito bem.

Estrangeiro 261d · §995 Investiguemos agora os nomes, como há pouco falamos das formas e das letras: nessa direção começa a aparecer o objeto de nossa busca.

Teeteto 261d · §996 O que precisamos compreender dos nomes?

Estrangeiro 261d · §997 Se todos se unem entre si, nenhum se une, ou alguns se unem e outros não.

Teeteto 261d · §998 Evidentemente, a última alternativa: alguns sim, outros não.

Estrangeiro 261d · §999 Talvez queiras dizer que se unem os que, pronunciados em sequência, 261e significam algo, e não se unem os que nada significam em sua sequência.

Teeteto 261e · §1000 Como assim? Que queres dizer?

[1] A palavra inglesa «fancy», embora etimologicamente idêntica à grega phantasia, perdeu a ligação estreita com «parecer», phainesthai, que o grego conserva. A palavra grega é, portanto, mais abrangente: designa o que parece ser, por imaginação ou sensação. Compare-se 235d e seguintes. [Nota desta edição portuguesa: adotou-se «aparência» neste contexto.]

[2] Talvez se pretenda um trocadilho, pois problēma já começava a significar também «problema».

Estrangeiro 261e · §1001 O que supus que tinhas em mente ao concordar: temos duas espécies de indicações vocais do ser.

Teeteto 261e · §1002 Como?

Estrangeiro 262a · §1003 Uma chamada nomes, a outra verbos. [3]

Teeteto 262a · §1004 Define cada uma.

Estrangeiro 262a · §1005 Podemos chamar verbo à indicação relativa à ação.

Teeteto 262a · §1006 Sim.

Estrangeiro 262a · §1007 Ao sinal vocal aplicado aos que realizam essas ações chamamos nome.

Teeteto 262a · §1008 Exatamente.

Estrangeiro 262a · §1009 Portanto, o discurso nunca se compõe apenas de nomes sucessivos nem de verbos pronunciados sem nomes.

Teeteto 262a · §1010 Não compreendo.

Estrangeiro 262b · §1011 Entendo: tinhas outra coisa em mente quando concordaste. O que eu queria dizer era precisamente que verbos e nomes não produzem discurso quando pronunciados sucessivamente desse modo.

Teeteto 262b · §1012 De que modo?

Estrangeiro 262b · §1013 Por exemplo, «anda», «corre», «dorme» e os demais verbos de ação, mesmo que pronuncies todos em sequência, nem por isso produzem discurso.

Teeteto 262b · §1014 Não, é claro.

Estrangeiro 262b · §1015 Da mesma forma, pronunciar «leão», «cervo», «cavalo» e os demais nomes dos que realizam essas ações 262c ainda não produz discurso. Em nenhum dos casos as palavras indicam ação, inação ou existência de algo que existe ou não existe até que verbos se misturem com nomes. Então as palavras se ajustam, e sua primeira combinação é uma frase, aproximadamente a primeira e mais curta forma de discurso.

Teeteto 262c · §1016 Que queres dizer?

Estrangeiro 262c · §1017 Quando alguém diz «um homem aprende», concordas que essa é a menor e primeira das frases, não é?

Teeteto 262d · §1018 Sim.

Estrangeiro 262d · §1019 Ao dizer isso, faz uma afirmação sobre o que é, está vindo a ser, veio a ser ou será. Não se limita a nomear: chega a uma conclusão combinando verbos com nomes. Por isso dissemos que discorre, e não apenas nomeia, e demos a essa combinação o nome de discurso.

Teeteto 262d · §1020 Corretamente.

Estrangeiro 262d · §1021 Assim como algumas coisas se ajustam entre si e outras não, certos sinais vocais não se ajustam, 262e enquanto outros se ajustam e formam discurso.

Teeteto 262e · §1022 Certamente.

[3] A ciência da linguagem, em todos os ramos, era jovem no tempo de Platão. Palavras gerais eram necessariamente usadas em sentido técnico. Aqui onoma e rhēma pertencem à terminologia gramatical como nome e verbo, embora em outros lugares Platão as empregue em seus sentidos comuns. A distinção entre vogais e consoantes, em Teeteto 203 e Sofista 253, também era relativamente nova, assim como a de voz ativa e passiva. Já não se pode determinar exatamente a importância da contribuição de Platão ao desenvolvimento dos estudos linguísticos.

Estrangeiro 262e · §1023 Há ainda outro pequeno ponto.

Teeteto 262e · §1024 Qual?

Estrangeiro 262e · §1025 Uma frase, para ser frase, deve ser sobre algo; sem algo de que trate, é impossível.

Teeteto 262e · §1026 Verdade.

Estrangeiro 262e · §1027 E deve ter também alguma qualidade, não é?

Teeteto 262e · §1028 É claro.

Estrangeiro 262e · §1029 Prestemos atenção um ao outro.

Teeteto 262e · §1030 Sim, é o que devemos fazer.

Estrangeiro 262e · §1031 Vou dizer-te uma frase em que ação e resultado de ação se combinam por um nome e um verbo; dize-me de que ela trata.

Teeteto 263a · §1032 Direi, tanto quanto puder.

Estrangeiro 263a · §1033 «Teeteto está sentado.» Não é uma frase longa, não é?

Teeteto 263a · §1034 Não, é bastante curta.

Estrangeiro 263a · §1035 Cabe-te dizer de que trata e qual é seu assunto.

Teeteto 263a · §1036 É claro que trata de mim: eu sou seu assunto.

Estrangeiro 263a · §1037 E esta frase?

Teeteto 263a · §1038 Qual?

Estrangeiro 263a · §1039 «Teeteto, com quem agora converso, voa.»

Teeteto 263a · §1040 Todos concordariam que também trata de mim e que sou seu assunto.

Estrangeiro 263a · §1041 Concordamos que toda frase deve ter alguma qualidade.

Teeteto 263b · §1042 Sim.

Estrangeiro 263b · §1043 Que qualidade atribuiremos a cada uma dessas frases?

Teeteto 263b · §1044 Uma é falsa, suponho; a outra, verdadeira.

Estrangeiro 263b · §1045 A verdadeira diz de ti os fatos como são.

Teeteto 263b · §1046 Certamente.

Estrangeiro 263b · §1047 A falsa diz coisas diferentes dos fatos.

Teeteto 263b · §1048 Sim.

Estrangeiro 263b · §1049 Em outras palavras, fala das coisas que não são como se fossem.

Teeteto 263b · §1050 Sim, é mais ou menos o que faz.

Estrangeiro 263b · §1051 E afirma a teu respeito que são coisas diferentes daquelas que realmente são; dissemos que, em relação a cada coisa, há muitas que são e muitas que não são.

Teeteto 263b · §1052 Certamente.

Estrangeiro 263c · §1053 A segunda frase que disse sobre ti é, em primeiro lugar, necessariamente uma das mais curtas que satisfazem nossa definição de frase.

Teeteto 263c · §1054 Foi o que acabamos de admitir.

Estrangeiro 263c · §1055 Em segundo lugar, trata de algo.

Teeteto 263c · §1056 Sim.

Estrangeiro 263c · §1057 Se não trata de ti, não trata de nada.

Teeteto 263c · §1058 Certamente não.

Estrangeiro 263c · §1059 Se não trata de nada, não seria sequer uma frase: mostramos ser impossível uma frase que não trate de algo.

Teeteto 263c · §1060 Muito correto.

Estrangeiro 263d · §1061 Quando se dizem coisas de ti, mas coisas diferentes são ditas como as mesmas e as que não são como as que são, essa combinação de verbos e nomes constitui, ao que parece, real e verdadeiramente um discurso falso.

Teeteto 263d · §1062 Sim, muito verdadeiramente.

Estrangeiro 263d · §1063 Não está já claro que as três espécies, pensamento, opinião e aparência, surgem em nossa mente tanto falsas quanto verdadeiras?

Teeteto 263d · §1064 Como está claro?

Estrangeiro 263d · §1065 Compreenderás melhor se apreenderes primeiro suas naturezas 263e e suas diferenças particulares.

Teeteto 263e · §1066 Dá-me essa oportunidade.

Estrangeiro 263e · §1067 Pensamento e discurso são o mesmo; apenas à conversa interior e silenciosa da alma consigo mesma se deu o nome particular de pensamento. Não é verdade?

Teeteto 263e · §1068 Certamente.

Estrangeiro 263e · §1069 Já a corrente que sai da alma pela boca, em emissão vocal, recebe o nome de discurso?

Teeteto 263e · §1070 Verdade.

Estrangeiro 263e · §1071 No discurso sabemos que há precisamente...

Teeteto 263e · §1072 O quê?

Estrangeiro 263e · §1073 Afirmação e negação.

Teeteto 263e · §1074 Sim, sabemos.

Estrangeiro 264a · §1075 Quando isso surge silenciosamente na alma, pelo pensamento, podes dar-lhe outro nome que opinião?

Teeteto 264a · §1076 Certamente não.

Estrangeiro 264a · §1077 Quando essa condição ocorre em alguém, não independentemente, mas pela sensação, pode chamar-se propriamente outra coisa que parecer, ou aparência?

Teeteto 264a · §1078 Não.

Estrangeiro 264a · §1079 Como o discurso, descobrimos, é verdadeiro e falso; como vimos que o pensamento é a conversa da alma consigo, que a opinião é a conclusão do pensamento 264b e que aquilo que chamamos «parece» é uma mistura de sensação e opinião, segue-se necessariamente que, sendo todos aparentados ao discurso, alguns deles às vezes serão falsos.

Teeteto 264b · §1080 Certamente.

Estrangeiro 264b · §1081 Percebes que encontramos opinião falsa e discurso falso antes do esperado, quando há pouco temíamos empreender uma tarefa sem fim ao procurá-los?

Teeteto 264b · §1082 Sim, percebo.

Estrangeiro 264b · §1083 Não desanimemos, então, quanto ao restante da busca: 264c estabelecidos esses pontos, basta retornar às divisões anteriores por gêneros.

Teeteto 264c · §1084 Quais divisões?

Estrangeiro 264c · §1085 Dividimos a produção de imagens em duas espécies: produção de semelhanças e produção de aparências. [4]

Teeteto 264c · §1086 Sim.

Estrangeiro 264c · §1087 Dissemos que não sabíamos a qual delas atribuir o sofista.

Teeteto 264c · §1088 Tens razão.

Estrangeiro 264c · §1089 Nessa perplexidade, fomos tomados por vertigem ainda maior quando surgiu a doutrina que desafia todos e afirma que nenhuma semelhança, imagem 264d ou aparência existe, pois nunca há falsidade em lugar algum, de modo algum.

Teeteto 264d · §1090 Verdade.

Estrangeiro 264d · §1091 Agora, porém, demonstrada a existência do discurso falso e da opinião falsa, podem existir imitações das realidades, e dessa condição da mente pode surgir uma arte do engano.

Teeteto 264d · §1092 Sim, é possível.

Estrangeiro 264d · §1093 Já havíamos decidido que o sofista estava numa dessas duas divisões da produção de imagens.

Teeteto 264d · §1094 Sim.

Estrangeiro 264d · §1095 Tentemos novamente: dividamos em duas 264e a espécie que examinamos e avancemos sempre pela parte direita do que foi dividido, acompanhando de perto o grupo a que o sofista pertence, até que, retiradas todas as propriedades comuns e restando apenas sua natureza peculiar, possamos mostrá-lo claramente, primeiro 265a a nós, depois aos mais próximos do método dialético.

Questões do capítulo 9

1. Por que ainda é preciso examinar o discurso após admitir o não ser?
   a) É preciso mostrar que opinião e discurso participam dele.
   b) Porque o ser deixou de existir.
   c) Porque todos os sofistas já foram definidos integralmente.
   d) Porque nomes e verbos são a mesma classe.

2. Que conselho acompanha a dificuldade da investigação?
   a) Não desanimar diante de progresso constante, mesmo lento.
   b) Aceitar toda objeção como conclusão definitiva.

[4] Veja-se Platão, Teeteto 235d e seguintes. [Nota desta edição: a referência está assim na transcrição; 235d pertence ao Sofista.]

c) Evitar examinar qualquer defesa do sofista.
d) Abandonar o tema sempre que surgir uma pergunta.

3. Que duas indicações vocais são distinguidas?

a) Apenas letras grandes e pequenas.
b) Opiniões caras e baratas.
c) Sons divinos e humanos.
d) Nomes e verbos.

4. Por que «anda, corre, dorme» não forma por si um discurso?

a) A sequência de verbos não se combina com nomes para afirmar algo.
b) Porque os verbos não possuem significado algum.
c) Porque os três verbos são necessariamente falsos.
d) Porque toda frase precisa ser longa.

5. Qual exemplo mostra uma frase mínima?

a) «Um homem aprende.»
b) «Homem, homem, homem.»
c) «Leão, cervo, cavalo.»
d) «Corre, dorme, anda.»

6. O que se exige de uma frase além da combinação de palavras?

a) Que seja necessariamente verdadeira.
b) Que contenha pelo menos dez palavras.
c) Que fale sempre de coisas presentes aos olhos.
d) Que trate de algo e tenha uma qualidade.

7. Por que «Teeteto voa» é falsa no exemplo?

a) Porque não tem assunto.
b) Porque não contém verbo.
c) Afirma de Teeteto algo diferente do que é o caso.
d) Porque não é sequer uma frase.

8. Como se define o pensamento na passagem?

a) A ausência completa de qualquer discurso interior.
b) Uma imagem que só ocorre durante o sono.
c) Uma corrente vocal necessariamente audível.
d) Conversa interior e silenciosa da alma consigo mesma.

9. O que é a opinião nessa análise?

a) A conclusão do pensamento, com afirmação ou negação.
b) Um objeto sem relação com a alma.
c) Uma ciência necessariamente infalível.
d) Apenas a repetição de um nome.

10. Que conclusão permite retomar a caça ao sofista?

a) Toda imagem foi demonstrada impossível.
b) Há discurso e opinião falsos, tornando possível uma arte do engano.

c) Todo imitador possui conhecimento verdadeiro.
d) Não existe diferença entre parecer e ser.

Respostas comentadas

1. A. O sofista ainda poderia negar essa participação específica e, com ela, a falsidade. Referência: 260b–e.

2. A. O avanço já realizado justifica prosseguir. Referência: 261a–c.

3. D. O nome indica os agentes; o verbo, a ação. Referência: 261e–262a.

4. A. A combinação, não a mera enumeração, constitui o discurso analisado. Referência: 262a–c.

5. A. O exemplo combina nome e verbo numa afirmação. Referência: 262c–d.

6. D. A qualidade permite distinguir verdadeiro e falso, ambos ainda discursos. Referência: 262e–263b.

7. C. Ela trata de Teeteto e satisfaz a forma de discurso, embora diga o que não é o caso. Referência: 263a–d.

8. D. Pensamento e discurso diferem aqui pela emissão vocal. Referência: 263e.

9. A. O juízo silencioso acompanha a estrutura afirmativa e negativa do discurso. Referência: 263e–264a.

10. B. A demonstração remove a defesa baseada na inexistência da falsidade. Referência: 264b–d.

Capítulo 10

A definição final do sofista

Divisão editorial · 265a–268d

Teeteto 265a · §1096 Correto.

Estrangeiro 265a · §1097 Começamos dividindo a arte em duas: produtiva e aquisitiva, não é? [1]

Teeteto 265a · §1098 Sim.

Estrangeiro 265a · §1099 O sofista nos apareceu na caça, nos combates, no comércio e em atividades semelhantes, subdivisões da arte aquisitiva?

Teeteto 265a · §1100 Certamente.

Estrangeiro 265a · §1101 Agora, porém, a arte imitativa o tomou para si. Está claro que o primeiro passo deve ser dividir em duas a arte produtiva: 265b a imitação é uma espécie de produção, dizemos, mas de imagens, e não das próprias coisas reais. Concordas?

Teeteto 265b · §1102 Inteiramente.

Estrangeiro 265b · §1103 Admitamos primeiro duas partes da arte produtiva.

Teeteto 265b · §1104 Quais?

Estrangeiro 265b · §1105 A divina e a humana.

Teeteto 265b · §1106 Ainda não compreendo.

Estrangeiro 265b · §1107 Se lembramos o início da conversa, dissemos ser produtiva toda potência que faz vir a existir coisas antes inexistentes.

Teeteto 265b · §1108 Sim, lembramos.

Estrangeiro 265c · §1109 Há todos os animais, todas as plantas que brotam da terra por sementes e raízes e todas as substâncias inanimadas, fusíveis ou não, formadas dentro da terra. Diremos que vieram a existir, não existindo antes, de outro modo que pela obra de Deus? Ou aceitaremos a crença comumente expressa...

Teeteto 265c · §1110 Que crença?

Estrangeiro 265c · §1111 Que a natureza as produz por alguma causa espontânea, sem inteligência criadora? Ou diremos que são criadas pela razão e pelo conhecimento divino que vem de Deus?

[1] Veja-se Platão, Teeteto 219. [Nota desta edição: a referência está assim na transcrição; 219 pertence ao Sofista.]

Teeteto 265d · §1112 Talvez por ser jovem, frequentemente passo de uma opinião à outra. Mas agora, olhando para ti e considerando que julgas serem criadas por Deus, também adoto essa posição.

Estrangeiro 265d · §1113 Bem dito, Teeteto. Se eu julgasse que mudarias de opinião depois, tentaria agora, por argumentos e persuasão insistente, levar-te a concordar comigo. Mas, conhecendo tua natureza e vendo que se inclina por si mesma, 265e sem palavras minhas, para aquilo que dizes atrair-te agora, deixarei isso de lado: seria perder tempo. Admitirei que as coisas chamadas naturais são feitas por arte divina, e as compostas pelo homem a partir delas, como materiais, por arte humana. Há, portanto, duas artes: humana e divina.

Teeteto 265e · §1114 Muito correto.

Estrangeiro 265e · §1115 Sendo duas, divide novamente cada uma.

Teeteto 265e · §1116 Como?

Estrangeiro 266a · §1117 Antes dividiste toda a produção, por assim dizer, na largura; agora divide-a no comprimento.

Teeteto 266a · §1118 Considera feito.

Estrangeiro 266a · §1119 Obtemos assim quatro partes ao todo: duas nossas, humanas, e duas dos deuses, divinas.

Teeteto 266a · §1120 Sim.

Estrangeiro 266a · §1121 Pela divisão na outra direção, uma parte de cada metade produz coisas reais; as duas partes restantes podem muito bem chamar-se produção de imagens. Assim, a arte produtiva torna a dividir-se em duas.

Teeteto 266b · §1122 Explica novamente como se distingue cada parte.

Estrangeiro 266b · §1123 Sabemos que nós, os outros animais, o fogo, a água e os elementos aparentados, dos quais se formam as coisas naturais, somos todos criações e produtos de Deus, não é?

Teeteto 266b · §1124 Sim.

Estrangeiro 266b · §1125 A cada uma dessas coisas correspondem imagens, não as coisas mesmas, também produzidas por uma habilidade superior à humana.

Teeteto 266b · §1126 Quais?

Estrangeiro 266b · §1127 As aparências nos sonhos e as que surgem de dia e se dizem espontâneas: uma sombra, quando 266c um objeto escuro interrompe a luz do fogo; ou uma imagem, quando a luz dupla, dos próprios objetos e de fora, se encontra em superfícies lisas e brilhantes e produz em nossos sentidos um efeito inverso ao da visão habitual. [2]

Teeteto 266c · §1128 Sim: são duas obras da criação divina, a própria coisa e, em cada caso, sua imagem correspondente.

Estrangeiro 266c · §1129 E nossa arte? Não diremos que construímos uma casa pela arquitetura e, pela pintura, fazemos outra casa, uma espécie de sonho humano produzido para os que estão acordados?

[2] Era essa a explicação corrente da reflexão. Supunha-se que espelhos e objetos lisos contivessem um princípio luminoso que encontrava, na superfície lisa, a luz vinda do objeto refletido. Assim, na visão, o fogo interior do olho se unia ao exterior, como em Timeu 46a. As palavras gregas indicadas na edição referem-se à inversão entre direita e esquerda no reflexo; compare-se Teeteto 193c.

Teeteto 266d · §1130 Certamente.

Estrangeiro 266d · §1131 Também as demais obras de nossa atividade criadora são duplas e vêm em pares: a coisa mesma, produzida pela arte que cria coisas reais, e sua imagem, produzida pela arte das imagens.

Teeteto 266d · §1132 Agora compreendo melhor. Concordo que há duas produções, cada qual dupla: divina e humana por um modo de divisão; pelo outro, coisas reais e o produto constituído de uma espécie de semelhanças.

Estrangeiro 266d · §1133 Devemos lembrar que a produção de imagens teria duas partes, produção de semelhanças e produção de aparências, 266e se descobríssemos que a falsidade realmente existe e pertence ao ser real.

Teeteto 266e · §1134 Sim.

Estrangeiro 266e · §1135 Descobrimos que a falsidade existe; por isso contaremos agora, sem dúvida, duas espécies de produção de imagens, não é?

Teeteto 266e · §1136 Sim.

Estrangeiro 267a · §1137 Dividamos novamente em duas a produção de aparências.

Teeteto 267a · §1138 Como?

Estrangeiro 267a · §1139 Uma espécie é produzida por instrumentos; na outra, o produtor da aparência oferece a si próprio como instrumento.

Teeteto 267a · §1140 Que queres dizer?

Estrangeiro 267a · §1141 Quando alguém emprega sua própria pessoa como instrumento e faz sua figura ou voz parecer semelhante à tua, essa produção de aparências chama-se mimética.

Teeteto 267a · §1142 Sim.

Estrangeiro 267a · §1143 Classifiquemos essa parte sob o nome de arte mimética. Quanto ao restante, sejamos indulgentes conosco e deixemo-lo 267b para que outro o reúna e nomeie adequadamente.

Teeteto 267b · §1144 Muito bem: adotemos essa classificação e deixemos a outra parte.

Estrangeiro 267b · §1145 Vale a pena considerar, Teeteto, que a arte mimética também possui duas partes. Direi por quê.

Teeteto 267b · §1146 Por favor.

Estrangeiro 267b · §1147 Alguns imitam com conhecimento do que imitam; outros, sem ele. Que divisão poderíamos imaginar mais completa que a separação entre conhecimento e ignorância?

Teeteto 267b · §1148 Nenhuma.

Estrangeiro 267b · §1149 O exemplo que dei era de imitação por quem conhece, não é? Um homem que te imita conhece a ti e tua figura.

Teeteto 267c · §1150 É claro.

Estrangeiro 267c · §1151 Mas e a figura da justiça e, numa palavra, da virtude em geral? Não há muitos que nada sabem dela, possuindo apenas uma opinião, e que se esforçam ao máximo para fazer parecer que existe neles aquilo que julgam ser virtude, imitando-a em atos e palavras tanto quanto podem?

Teeteto 267c · §1152 Sim, há muitíssimos.

Estrangeiro 267c · §1153 Todos fracassam em parecer justos, embora não o sejam? Ou acontece precisamente o contrário?

Teeteto 267c · §1154 Precisamente o contrário.

Estrangeiro 267c · §1155 Devemos, então, dizer que esse imitador é bem diferente do outro: 267d quem não sabe difere de quem sabe.

Teeteto 267d · §1156 Sim.

Estrangeiro 267d · §1157 Onde encontrar o nome adequado para cada um? Não é fácil, pois entre os pensadores anteriores parece ter havido uma antiga e descuidada indolência na divisão dos gêneros em espécies. Ninguém sequer tentou fazê-la; não pode, portanto, haver grande abundância de nomes. Ainda que a inovação na linguagem seja um pouco ousada, para distinguilas chamemos a imitação baseada em opinião imitação opinativa, 267e e a fundada em conhecimento, uma espécie de imitação científica.

Teeteto 267e · §1158 De acordo.

Estrangeiro 267e · §1159 Devemos dedicar-nos à primeira: encontramos o sofista entre os imitadores, mas não entre os que conhecem.

Teeteto 267e · §1160 É bem verdade.

Estrangeiro 267e · §1161 Examinemos o imitador opinativo como uma peça de ferro, para ver se é inteiriço ou se ainda tem alguma junta.

Teeteto 267e · §1162 Façamos isso.

Estrangeiro 268a · §1163 Há uma junta bem marcada. Alguns desses imitadores são ingênuos: julgam saber aquilo de que apenas têm opinião. A outra espécie, pela experiência no embate dos argumentos, suspeita e receia fortemente ignorar o que finge saber diante do público.

Teeteto 268a · §1164 Certamente existem ambas as espécies que mencionas.

Estrangeiro 268a · §1165 Chamaremos uma imitador ingênuo e a outra imitador dissimulado?

Teeteto 268a · §1166 É razoável.

Estrangeiro 268a · §1167 Diremos que a última constitui um gênero ou se divide novamente em dois?

Teeteto 268a · §1168 Isso cabe a ti.

Estrangeiro 268b · §1169 Estou considerando e creio ver duas espécies: uma dissimula por longos discursos públicos diante de uma multidão; a outra, em particular e por discursos curtos, força seu interlocutor a contradizer-se.

Teeteto 268b · §1170 Tens toda a razão.

Estrangeiro 268b · §1171 Que nome daremos ao autor dos discursos mais longos: político ou orador popular?

Teeteto 268b · §1172 Orador popular.

Estrangeiro 268b · §1173 E ao outro: filósofo ou sofista?

Teeteto 268b · §1174 Não podemos chamá-lo propriamente filósofo, pois, por hipótese, 268c é ignorante. Como imita o filósofo, terá evidentemente um nome derivado do dele. Creio finalmente estar certo de que devemos chamá-lo, em verdade, o sofista real e efetivo.

Estrangeiro 268c · §1175 Reuniremos então seu nome como antes, encadeando-o do fim para o começo?

Teeteto 268c · §1176 Sem dúvida.

Estrangeiro 268c · §1177 A espécie imitativa da parte dissimuladora da arte opinativa, pertencente à arte da contradição e à espécie de produção de aparências 268d da arte de produzir imagens; humana, não divina, e definida em nossos argumentos como a parte ilusionista da atividade produtiva: quem disser que o verdadeiro sofista tem essa ascendência e esse sangue dirá, em minha opinião, a verdade exata.

Teeteto 268d · §1178 Sim, certamente dirá.

Questões do capítulo 10

1. Por que o sofista passa a ser procurado na arte produtiva?
   a) A aquisição deixa de existir.
   b) Todo ensino produz corpos naturais.
   c) Nenhuma atividade humana adquire algo.
   d) A imitação produz imagens.

2. Que duas divisões cruzadas organizam a produção?
   a) Rica ou pobre; pública ou privada.
   b) Antiga ou moderna; escrita ou oral.
   c) Divina ou humana; de coisas reais ou de imagens.
   d) Justa ou injusta; quente ou fria.

3. Como a produção natural é tratada na hipótese adotada?
   a) Como obra de arte divina.
   b) Como obra de pintores humanos.
   c) Como produção apenas de imagens falsas.
   d) Como necessariamente desprovida de inteligência.

4. Que exemplos de imagens não humanas aparecem?
   a) Apenas esculturas de mármore.
   b) Somente discursos dos sofistas.
   c) Sonhos, sombras e reflexos.
   d) Casas construídas por arquitetos.

5. Como é descrita a casa pintada?
   a) Um sonho feito pelo homem para pessoas acordadas.
   b) Um objeto sem relação com a produção de imagens.
   c) Uma casa real com todas as funções da construída.
   d) Uma prova de que arquitetos não possuem arte.

6. O que distingue a mimética na divisão das aparências?
   a) O produtor não emprega corpo nem voz.
   b) O imitador necessariamente conhece a virtude.
   c) O produtor usa a si próprio como instrumento.

d) Toda imagem é gerada apenas por espelhos.

7. Qual diferença separa a imitação científica da opinativa?
   a) A cobrança de dinheiro em todo caso.
   b) O uso obrigatório de instrumentos externos.
   c) O tamanho do público, exclusivamente.
   d) A presença ou ausência de conhecimento do que se imita.

8. O que distingue o imitador dissimulado do ingênuo?
   a) Jamais conversa com outras pessoas.
   b) Suspeita de sua ignorância, embora finja saber.
   c) Possui necessariamente ciência completa.
   d) Acredita sem qualquer suspeita que sabe tudo.

9. Como a divisão distingue o orador popular do sofista?
   a) Um é divino; o outro é uma sombra natural.
   b) Um ensina música; o outro apenas medicina.
   c) Um dissimula em longos discursos públicos; o outro em perguntas e falas curtas particulares.
   d) Um usa palavras; o outro nunca fala.

10. Que conjunto corresponde à definição final do sofista?
    a) Imitador ingênuo de corpos conhecidos, sem discursos.
    b) Produtor humano de aparências, imitador opinativo e dissimulado na contradição.
    c) Dialético que possui conhecimento do que imita.
    d) Produtor divino de animais e plantas.

Respostas comentadas

1. D. A perspectiva final muda da aquisição para a produção de imagens. Referência: 265a–b.

2. C. O cruzamento produz quatro partes. Referência: 265b–266a.

3. A. O Estrangeiro adota a produção por razão e conhecimento divinos. Referência: 265c–e.

4. C. São contrapostos às imagens produzidas pela arte humana. Referência: 266b–c.

5. A. A comparação distingue a própria coisa e sua imagem. Referência: 266c–d.

6. C. O exemplo é imitar a figura ou a voz de outra pessoa. Referência: 267a.

7. D. O imitador pode conhecer ou apenas opinar sobre o modelo. Referência: 267b–e.

8. B. O ingênuo julga saber; o dissimulado receia não saber. Referência: 268a.

9. C. O contexto final distingue duas modalidades da imitação dissimulada. Referência: 268b.

10. B. A conclusão reúne as divisões do percurso até a espécie procurada. Referência: 268c–d.